



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**UM ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS DA FRICATIVA
GLOTAL [h] DO GUARANI ÑANDÉVA MATO-GROSSENSE-DO-SUL**

HEMERSON VARGAS CATÃO

DOURADOS/MS
2019

HEMERSON VARGAS CATÃO

Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Letras. (Linguística e Transculturalidade).

**DOURADOS/MS
2019**

FOLHA DE APROVAÇÃO**Hemerson Vargas Catão****UM ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS DA FRICATIVA
GLOTAL /h/ DO GUARANI ÑANDÉVA MATO-GROSSENSE-DO- SUL****Aprovado em:****BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins - PPG Letras/UFGD
(Presidente/ Orientador)

Prof. Dr. Fabio Pereira Couto (UNIR)
(Membro externo)

Prof. Dr. Bruno Maroneze – PPG Letras/UFGD
(Membro interno)

Prof.^a. Dr.^a. Ana Suelly Câmara Arruda Câmara Cabral (UNB)
(Membro externo / suplente)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C357e Cato, Hemerson Vargas
UM ESTUDO DAS CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS DA FRICATIVA GLOTAI /b/ DO
GUARANI N'ANDÉVA MATO-GROSSENSE-DO-SUL [recurso eletrônico] / Hemerson Vargas
Cato. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Anderson Marcio Silva Martins.
Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Grande Dourados, 2019.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<http://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Língua Guarani N'andéva. 2. Fonética Articulatória. 3. Fonética Acústica. 4. Fricativa Glotal.
I. Martins, Anderson Marcio Silva. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(s) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha mãe, *Arsênia Vargas*, por não ter medido esforços, é um sentimento de orgulho e alegria ter sido direcionado por ela para trilhar o caminho do conhecimento.

A minha eterna namorada Fernanda, pela compreensão e o carinho que me tem tratado durante nossa caminhada conjunta, e pela total compreensão nos momentos que tenho que dedicar aos estudos.

Aos meus irmãos, pelos momentos vividos durante nossa infância e juventude.

Ao meu orientador Prof. Dr. *Andérbio Márcio Silva Martins* pela paciência, atenção e por ter me mostrado que a Linguística é uma área de conhecimento que tem muito o que fazer ainda. A seriedade e o profissionalismo com que trata das questões referente à Linguística é digna de admiração.

Ao professor Dr. *Bruno Maroneze*, pelas observações e contribuições significativas na banca de qualificação e nas aulas ministradas por este na Pós-Graduação da FACAILE.

Ao professor Dr. *Fábio Pereira Couto*, pelas observações e orientações na banca de qualificação, minha admiração sincera pelo seu trabalho, profissionalismo e dedicação aos estudos dos sons das Línguas Indígenas Brasileiras.

Ao *Oilson de Souza, Onésimo de Brum e Rozilene Ramires Vera*, meus colegas, professores Guarani Ñandéva em formação no Teko Arandu, que não mediram esforços para contribuir com os dados de nossa pesquisa.

À Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Letras da FACAILE pelo apoio e compreensão durante o período do curso.

Em especial à minha saudosa mãe que não poupou esforços em indicar a trilha do conhecimento e finalmente ao CRIADOR DE TODOS OS MUNDOS E UNIVERSOS.

MUITO OBRIGADO!!!!

AGUYJE

“Nós não vamos acabar com os problemas sociais enquanto não mudarmos nossas cabeças e exigirmos dos que estão acima de nós, que querem mandar, respeito que o povo tem de ter e merece ter. Tem que nos dar respeito, e não caridade pública.”

Dona Mercedes Carrascal

Há uma perpétua troca de serviços entre a ciência e empirismo. Muitas vezes a função da primeira consiste em formalizar o que a segunda descobriu.

Multatuli.

aprendi com um índio
conhecer-se
por si próprio
ninguém faz seu caminho por você
a estrada é sua
somente sua
amigos andam ao seu lado
ninguém anda por você

Michele Tajra

RESUMO:

Na presente dissertação realizou-se um estudo da fricativa glotal [h] da Língua Guarani Ñandéva falada no sul de Mato Grosso do Sul, mais precisamente da Terra Indígena Porto Lindo, localizada no município de Japorã MS. Trata-se de uma língua pertencente ao sub-ramo I da família linguística Tupi-guarani, conforme Rodrigues (1984/1985). Para além de um estudo articulatorio, privilegiamos uma análise acústica. O estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos e metodológicos da fonética acústica e articulatoria, seguindo Pike (1943, 1947), Jakobson (1967), Ladefoged (1975, 1996a, 1996b, 2003, 2005), Maddieson (1984), Laver (1994), Barbosa e Madureira (2015), Kent e Read (2015), Couto (2013, 2016), Oliveira (2017), Ladefoged (2007 e 2011) e Johnson (1981.). Com o resultado deste estudo será possível realizar trabalhos voltados para a análise dos processos fonológicos existentes na língua, bem como um estudo de sua fonologia, o que permitirá ampliar os conhecimentos linguísticos acerca do Guarani Ñandéva, podendo auxiliar o desenvolvimento de propostas de ensino da língua, além de propiciar estudos comparativos no âmbito da família Tupi-guarani, sobretudo do sub-ramo I.

Palavras-chave: Língua Guarani Nhandéva; Fonética Articulatoria; Fonética Acústica; Fricativa Glotal.

RESUMEN

Esta investigación científica tuvo por objetivo hacer un análisis acústico de la fricativa glotal de la Lengua Guaraní Ñandéva que es hablada en el Mato Grosso del Sur, en la Tierra Indígena Porto Lindo, ubicada en la ciudad de Japorã MS. Esta lengua es clasificada según Rodrigues (1984 1985) como perteneciente a la subrama I de la familia lingüística Tupi-guaraní. Este estudio tiene la propuesta de describir los segmentos consonantares, hicimos un estudio articulatorio exploratorio y vamos a privilegiar el análisis acústico Seguiremos a Pike (1943, 1947), Jakobson (1967), Ladefoged (1975, 1996a, 1996b, 2003, 2005), Maddieson (1984), Laver (1994), Barbosa e Madureira (2015), Kent e Read (2015), Couto (2013, 2016), Oliveira (2017) e Ladefoged (2007 e 2011) e Johnson (1981). Con los resultados de este estudio será posible realizar trabajos votados para el análisis de los procesos fonológicos existentes en la lengua, bien como un estudio de su fonología, lo que permitirá ampliar los conocimientos lingüísticos acerca del guaraní Ñandéva, puede auxiliar en el desarrollo de propuestas para el ensino de la lengua, y también estudios comparativos en el ámbito de la Familia tupi-guaraní, sobremodo de la sub-rama I.

Palabras claves: Lengua Guaraní Ñandéva; Fonética Articulatória; Fonética Acústica; fricativa glotal.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Povos e Terras Indígenas em Mato Grosso do Sul. Pg..... 12
- Figura 2** – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *Kuarahy oike outro lado*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥]. pg..... 52
- Figura 3** – Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h̥]. pg..... 53
- Figura 4** – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *Kuarahy oike ventana*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração da fricativa glotal [h̥]. pg...54
- Figura 5** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema [h̥]. pg..... 54
- Figura 6** – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *jasy pyahu*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥]. pg..... 54
- Figura 7** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema /h/. pg..... 55
- Figura 8** - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ára mbyja renyhë*, destacasse em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥]. pg..... 55
- Figura 09** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema /h/. pg..... 56
- Figura 10** - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ára opaha*, destacasse em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥].pg 56
- Figura 11** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 57
- Figura 12** - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *pyhare ñepyrü*, destacasse em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥]. pg..... 57
- Figura 13** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 58
- Figura 14** - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *yvyra pyahu*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥]. pg..... 58
- Figura 15** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 59
- Figura 16** - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *kokue pyahu*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̥]. pg..... 59
- Figura 17** - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 61

Figura 18 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hesakã hovy*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/. pg..... 60

Figura 19 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 61

Figura 20 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ha 'yta yguypéve*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/.pg61

Figura 21 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg.....62

Figura 22 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hesakã sa 'yju*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/. pg..... 62

Figura 23 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 63

Figura 24 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hogue tuicha* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/. pg..... 63

Figura 25 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 64

Figura 26 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hakã michi* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/. pg..... 64

Figura 27 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 65

Figura 28 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hendy sa 'yju* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/. pg..... 65

Figura 29 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 66

Figura 30 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hogue okái* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/.pg66

Figura 31 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg..... 67

Figura 32 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hakã opë* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/. pg.....67

Figura 33 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /. pg.....68

SUMÁRIO

RESUMO	08
LISTA DE IMAGENS	09
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I- O CONTEXTO LINGUÍSTICO MATO-GROSSENSE-DO-SUL	13
1.0 O Contexto Linguístico sul mato-grossense.....	19
1.2 Reservas Indígenas demarcadas criadas entre 1915 e 1928.....	33
CAPÍTULO II – MÉTODOS E PROCEDIMENTOS PARA A PESQUISA	36
2.0 A Fonética.....	36
2.1 A Fonética Articulatória.....	36
2.2 Lugar de Articulação.....	39
2.3 Modo de Articulação.....	39
2.4 A Fonética Acústica	48
2.5 Análise Acústica Exploratória	48
2.6 Parâmetros físicos presentes na análise articulatória.....	50
2.7 Duração ms.....	50
2.8 Freqüência Hz.....	51
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA FRICATIVA GLOTTAL / h / DO GUARANI ÑANDÉVA MOTO-GROSSENSE-DO-SUL	52
3.1 Análise dos aspectos acústicos das realizações da fricativa glotal	69
3.2 Consideração Finais.....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é realizar uma descrição acústica da Fricativa Glotal /h/ da Língua Guarani Ñandéva, falada no sul de Mato Grosso do Sul. O arcabouço teórico utilizado na pesquisa é o da linguística descritiva, que dialoga com o método da fonética articulatória e da fonética acústica exploratória, amparado principalmente nas obras de Ladefoged e Johnson (1981), Kent e Read (2015), Madureira e Barbosa (2015, Couto (2012) e Oliveira (2019). A metodologia utilizada nesta pesquisa consiste em dois aspectos, primeiro: uma revisão da literatura acerca dos estudos fonéticos acerca da Língua Guarani Ñandéva e segundo: com o auxílio de uma lista de frases fizemos a coleta dos dados, com o objetivo de: classificar, explicar e interpretar a consoante fricativa glotal que ocorre na língua indígena, à luz da Fonética Acústica Experimental, utilizando como ferramenta de análise de voz o *PRAAT*.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: No primeiro capítulo descrevemos a riqueza linguística do Mato Grosso do Sul, no tocante às línguas indígenas, e apresentamos os quadros das pesquisas linguísticas e estudos acadêmicos de pesquisadores indígenas e não indígenas até o ano de 2019. No segundo capítulo abordamos o conhecimento da fonética acústica experimental tendo em vista as singularidades acústicas da fricativa glotal /h/ da língua indígena aqui pesquisada. Apresentamos a metodologia de trabalho, o referencial teórico e o software *PRAAT*, a partir de trabalhos acadêmicos que utilizaram essa ferramenta tecnológica. No terceiro capítulo apresentamos os espectrogramas, que foram extraídos e analisados nesta pesquisa e para finalizar fazemos uma discussão quanto aos resultados dos dados relacionados à fricativa glotal /h/.

ambas pertencentes ao tronco Tupi. (IBGE, 2010 apud MARTINS e CHAMORRO, 2018, p. 731).

Além das línguas indígenas presentes no estado, cabe destacar a presença de um conjunto de línguas não-indígenas que também se encontram na região devido aos processos migratórios que ocorreram, sobretudo, a partir de meados do século XIX. Um fato histórico relevante,¹ que esta região foi palco final do maior conflito armado sul-americano, a Guerra da Tríplice Aliança. Logo após este acontecimento, iniciou-se outro fato histórico: a exploração extrativista da *Ilex Paraguariensis*. Nos famosos ervais do Mato Grosso, explorados pela Empresa Mate-Laranjeira, um dos fatores essenciais que promoveu e propiciou o povoamento inicial da região que já estava habitada por povos indígenas. Houve também a migração interna para estas terras, vieram ao longo dos anos do século XIX e XX e assim se deu o início do povoamento da região. Levas de migração de quase todo o Brasil vieram para estas terras com o advento da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND): houve um deslocamento interno brasileiro, neste caso de paulistas, goianos, mineiros, cariocas, rio-grandenses, gaúchos, paranaense, catarinenses; do Nordeste vieram: alagoanos, e logo depois vieram os japoneses, os sírios libaneses, armênios, alemães, russos e ucranianos, entre outros povos europeus e asiáticos.

Com relação aos povos indígenas presentes no estado, Martins e Chamorro (2018, p. 732), apresenta em um quadro as etnias; as línguas indígenas; a qual família linguística e a qual tronco linguístico pertencem, quais línguas ainda são faladas e quais não são.

Quadro 1 – Línguas Indígenas presentes em Mato Grosso do Sul

Nº	Etnia	Língua	Famílias Linguística	Tronco Linguístico
1	Guarani	Guarani	Tupí-Guaraní	Tupí
2	Kaiowá	Kaiowá	Tupí-Guaraní	Tupí
3	Ofaié	Ofaié	Ofaié	Macrô-Jê
4	Guató	Guató	Guató	Macrô-Jê
5	Boróro	Boróro	Boróro	Macrô-Jê
6	Teréna	Teréna	Aruak	-
7	Kinikináu	Kinikináu	Aruak	-
8	Chamacôco	Chamacôco	Zamuco	-

¹ Recomendamos a leitura para melhor entendimento a respeito dessa questão histórica do capítulo 1 da dissertação de mestrado de Mejia (2017).

09	Kadiwéu	Kadiwéu	Guaicuru	-
----	---------	---------	----------	---

Fonte: Martins e Chamorro (2018, p 732)

Como podemos notar, no Mato Grosso do Sul existe uma diversidade linguística digna de ser observada, registrada, descrita e estudada. A presença das línguas indígenas de outros troncos linguísticos e famílias linguísticas indígenas e não indígenas demonstra, assim, um rico espaço sociolinguístico muito propício às pesquisas acadêmicas das línguas indígenas. Um fato interessante são as influências que línguas majoritárias exercem sobre as línguas indígenas.

Uma amostra disso é o fato de que diariamente a população guarani e kaiowá está exposta a essas línguas, apropriam-se e fazem uso delas, principalmente em momentos de interação no espaço urbano, “*pyelo*”, empréstimo da língua espanhola “*pueblo*”, como dizem os indígenas guarani se referindo à cidade. Já na “*ardeiape*”, (palavra emprestada da língua portuguesa adaptada à morfologia da língua, utilizada pelos parentes para designar seu Tekoha, seu local de origem), o contexto de uso da língua indígena no dia a dia, ouvida, transformada será a língua externada na fala dos usuários, na língua indígena e como também as palavras emprestadas das línguas portuguesa e castelhana, onde se pode ver presente e atuante os mecanismos morfológicos e fonológicos da língua originária.

O valor dos empréstimos linguísticos está no funcionamento desse mecanismo, como, por exemplo, de palavras que li e ouvi ao longo da trilha, dos travessões e nas conversas informais com os membros das várias comunidades indígenas com as quais me relaciono profissionalmente, mesmo assim os momentos informais são os mais agradáveis, são nesses momentos que podemos ouvir os exemplos:

Quadro2. Quadro de empréstimos linguísticos.

EMPRESTIMO	SIGNIFICADO	IDIOMA
<i>ardeiape</i> ²	na aldeia	Português
<i>salápe</i>	na sala	Português
<i>che atchin</i> ³ ,	estou gripado	Português

² O r de final sílaba dos empréstimos é pronunciado como uma retroflexa. Som frequente na fala mato-grossense-do-sul.

³ Uma onomatopeia em português funcionando como núcleo de predicado nominal em Guarani.

<i>artura</i>	altura	Português
<i>escolape</i>	na escola	Português
<i>voteko</i>	boteco/ buteko	Português
<i>etero</i>	brejo	Espanhol
<i>pavápe</i>	bule	Espanhol
<i>iporte</i>	estado anímico	Espanhol
<i>lata 'ire</i>	latinha	Português
<i>kopo</i>	copo	Português
<i>alamita</i>	pela metade	Espanhol
<i>seyro</i>	cedro	Português
<i>kurusu</i>	cruz	Português
<i>atima</i>	obrigado	Espanhol
<i>jelia</i>	enrolar	Espanhol
<i>asuka</i>	açúcar	Português
<i>chicha</i>	bebida tradicional	Quéchuá
<i>korasõ</i>	coração	Português
<i>kosina</i>	cozinha	Espanhol
<i>toroite</i>	corajoso	Espanhol
<i>tia</i>	tia	Português
<i>ti'o</i>	tio	Português

Estes exemplos, entre tantos outros que deve haver, trazem as marcas tanto fonológicas quanto morfológicas, na fala e na escrita das línguas indígenas mato-grossense-do-sul.

Com relação aos estudos realizados acerca das línguas indígenas do Mato Grosso do Sul, Martins e Chamorro (2018) havia realizado um levantamento que ia desde a década de 1950 até a primeira década do século XXI. Reproduzimos esses dados e inserimos outros estudos que foram publicados a partir de 2014 até 2019.

Quadro 3. Quadro de estudos da Língua Guató.

LINGUA GUATO			
AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO

PALACIO	1984	Tese de Doutorado	Descrição fonética, fonológica, morfológica e morfosintática da língua
POSTIGO	2009	Dissertação	Ampliação de dados lexicais da língua e reanálise da descrição fonética e fonológica realizada anteriormente por Palácios.
MARTINS	2011	Tese de Doutorado	Estudo comparativo da língua guato com línguas de oito famílias linguísticas que pertencem ao tronco macro-jê
SILVA	2018	Monografia	A monografia tem por objetivo é realizar uma análise acústica dos mesmos pares opostos utilizados por Adair Palácio em sua tese de doutorado (1984, pg. 34), além de novos dados coletados durante nova pesquisa, para demonstrar a existência de tons distintivos em Guató.

Quadro 4. Quadro de estudos da Língua Ofayé

LÍNGUA GUATÓ			
AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO
GUDSCHINSKY	1971	Artigo	Estudo comparativo que fundamentou a inclusão do Ofayé no tronco Macro-Jê.
GUDSCHINSKY	1974	Artigo	Breve descrição da fonética e da fonologia da língua, além de informações sobre a morfologia de nomes e de verbos.
GUEDES	1991	Artigo	Breve descrição de estruturas da língua Ofayé.
GUEDES	1997	Artigo	Discussão sobre a possibilidade da língua Ofayé ser tonal
OLIVEIRA	2006	Tese de Doutorado	Análise e descrição fonológica e gramatical da língua Ofayé.
FERREIRA	2011	Relatório do CNPq	Um estudo lexical: língua Ofayé (Dicionário)
SILVA	2012	Dissertação de Mestrado.	Descrição de aspectos gramaticais da língua Ofayé

Quadro 5. Quadro de estudo da Língua Terena

LINGUA TERENA

AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO
ALMEIDA	2005	Dissertação de Mestrado	Estudo lexical e proposta de elaboração de um dicionário infantil (bilíngue Português-Terena).
BENDOR SAMUEL	1960	Artigo	Estudo sobre a segmentação da língua Terena.
BENDOR SAMUEL	1961	Artigo	Estudo sobre estruturas gramaticais e fonológicas da língua Terena.
BENDOR SAMUEL	1963 a	Artigo	Estudo descritivo de sintagmas da língua Terena.
BENDOR SAMUEL	1963 b	Artigo	Estudo sobre o acento Terena.
BENDOR SAMUEL	1966	Artigo	Estudo sobre traços prosódicos na língua Terena.
BUTLER	1977	Artigo	Estudo sobre a derivação verbal da língua Terena.
BUTLER	2007 [1978]	Artigo	Estudo descritivo de aspectos modais, temporais e modalidades da língua Terena.
BUTLER	2003	Artigo	Descrição das funções do artigo da língua Terena.
EASTLACK	1968	Artigo	Estudo sobre os pronomes da Língua Terena.
EKDAHL & BUTTLER	2007 [1994]	Artigo	Notas explicativas sobre a ortografia da língua Terena.
EKDAHL	1969	Dicionário	Registros de palavras Terena.
GARCIA	2007	Tese de Doutorado	Um estudo sociolinguístico da comunidade indígena Terena de Ipegue.
KIETZMAN	1958	Artigo	Estudo lexical da Língua Terena.
LADEIRA	2011	Tese de Doutorado	Análise sociolinguística de uma comunidade Terena.

LADEIRA et. al.	1998	Artigo	Estudo sociolinguístico da língua Terena.
LADEIRA et. al.	1999	Artigo	Estudo sociolinguístico da língua Terena.
SILVA	2008	Dissertação de Mestrado	Análise e descrição fonológica da Língua Terena.
MARTINS	2009	Dissertação de Mestrado	Análise e descrição fonológica da Língua Terena.
TOUVILLE	1991	Artigo	Estudo sobre morfema nasal Terena.

Quadro 6, Quadro de estudo da Língua Kinikinau.

LINGUA KINIKINAU			
AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO
SOUZA	2009	Teses de Doutorado	Análise e descrição de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua Kinikinau.
OLIVEIRA	2017	Dissertação de Mestrado	Língua Kinikinau – descrição de aspectos sociolinguísticos e fonológicos.
SEVERIANO DA FONSECA	1899	Livro	O médico Severiano da Fonseca coleta 150 palavras que ele acreditava ser Kinikinau, mas na verdade os dados coletados foram da língua Kadiwéu.
MASON	1946	Livro	Estudo histórico comparativo, que discute a posição da língua Kinikinau dentro da família Aruák.
LOUKOTKA	1968	Livro	Em relação à língua Kinikinau (Quiniquinao/Equiniquinao), Loukotka a classifica como uma língua Aruák, pertencente ao Grupo Chané. Ele informa que a língua foi falada nas proximidades da região de Albuquerque, mas que agora é falada apenas por poucas famílias no Posto Cachoeirinha em Miranda-MT (atualmente MS).
CAMPBELL	1997	Livro	Em relação à língua Kinikinau, Campbell segue a classificação de Kaufman (1994) para a família Aruák, que a coloca como um dialeto da língua Terena, a qual forma sozinha um ramo meridional externo dessa unidade genética. Assim, para Campbell (apud Kaufman, 1994), a língua Kinikinau é um dialeto que, junto com os dialetos Terena, Guaná e Chané, forma a língua Terena.

			Para essa classificação interna, o autor não explica se ela se deve a um critério puramente geográfico ou linguístico (o que não o faz também o próprio Kaufman em seu trabalho).
AIKHENVALD	1999	Livro	Pouca informação Aikhenvald traz sobre a língua Kinikinau. Afinal, o único trabalho descritivo que há para essa língua (Souza, 2008) ainda não havia sido escrito. Ela classifica a língua Kinikinau dentro sub-ramo Aruák Meridional, juntamente com as línguas Terena, Guané/Layana, Chané/Izoceño, Bauré, Ignaciano, Trinitario, Paiconeca, Pauna, Apolista e Salumã (Enawênawê) e menciona, baseada no trabalho de Bendor-Samuel (1966), que a língua Kinikinau, bem como a língua Terena, Guaná e Chané, usa os processos de nasalização e harmonia vocálica para marcar as primeiras e segundas pessoas respectivamente
COUTO	2006	Dissertação de mestrado	Entre os resultados dessa pesquisa, destacam-se: o levantamento da realidade sociolinguística da comunidade Kinikinau na aldeia São João à época do trabalho de campo da autora; concisa descrição da gramática da língua Kinikinau; e o estudo comparativo entre Kinikinau e Terena
SOUZA	2007	Artigo	A autora traz informações históricas e etnográficas sobre o povo Kinikinau – deslocamentos territoriais, tipos de contatos com as forças colonizadoras e com outras sociedades indígenas, participação na Guerra do Paraguai, contexto político atual, tipos de produção artesanal.
SOUZA	2008	Tese de Doutorado	Trata-se de uma tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Este trabalho da professora Ilda é o mais importante nos estudos sobre o povo e a língua Kinikinau, seguido do trabalho da professora Iara Castro (2010). É o primeiro estudo descritivo que temos sobre essa língua indígena.
SOUZA	2009	Artigo	É um recorte da tese de doutorado da referida autora (capítulo 1), que, conforme expresso acima, foi

			defendida no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/UNICAMP.
SOUZA	2015	Artigo	A autora descreve neste trabalho o processo de marcação de concordância de pessoa e número em nomes e verbos na língua Kinikinau, os morfemas de marcação de concordância com o objeto e os morfemas reflexivos.
CARVALHO	2016	Artigo	Trata-se de um trabalho histórico-comparativo que tem como objetivo confirmar a hipótese de que as línguas Chané-Guaná (Terena, Kinikinau, Layana e Guaná) são na verdade uma só língua, a qual o autor sugere chamar simplesmente de Terena.
COUTO	2017	Artigo	Trata-se de uma obra que visa reunir um verdadeiro inventário investigativo sobre a sociedade indígena Kinikinau e que foi pensado para a celebração dos vinte anos da publicação de uma notícia de jornal (Tribuna Popular, Bonito, 10 de maio de 1996), que relatava a “descoberta” dos Kinikinau.
FABRE	2017	Dicionário Etnológico	Trata-se do mais completo e atualizado dicionário etnolinguístico e guia bibliográfico dos povos indígenas sul-americanos. Há um capítulo dedicado exclusivamente ao tronco Arawák(-Maipure), onde o autor reúne o que há de mais recente em pesquisas linguísticas envolvendo as línguas Aruák ainda faladas.
SOUZA	2017	Artigo	Capítulo publicado no livro Kinikinau: arte, história, memória e resistência. Nele, Ilda de Souza, a principal pesquisadora do povo Kinikinau, faz outro recorte de sua tese de doutorado (capítulo 1), porém, acrescentando várias novas informações acerca da história recente deste povo e de sua realidade, frutos de mais pesquisa e mais trabalhos de campo da autora com os Kinikinau.
OLIVEIRA e MARTINS	2019	Artigo	O artigo tem por objetivo apresentar uma breve etnografia do povo Kinikinau, um povo Aruák, de língua Aruák (AIKHENVALD, 1999), que atualmente se localiza no sul do pantanal sul-mato-grossense e áreas adjacentes.

MARTINS e OLIVEIRA	2018	Artigo	Trata-se de um estudo sociolinguístico sobre a língua Kinikinau, uma língua Aruák a caminho da extinção, falada por um povo também conhecido como Kinikinau, localizado atualmente no sul do Pantanal, no estado do Mato Grosso do Sul.
--------------------	------	--------	---

Quadro 7. Quadro de estudos da Língua Kadiwéu.

LÍNGUA KADIWÉU			
AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO
BRAGGIO	1981	Dissertação de Mestrado	Análise e descrição de aspectos fonológicos e morfológicos da língua Kadiwéu.
SANDALO	1995	Tese de Doutorado	Descrição da língua Kadiwéu, contemplando um estudo fonológico, morfológico e morfossintático.
GRIFFITHS	2002	Dicionário	Dicionário bilíngue Kadiwéu-Português / Português-Kadiwéu.
GRIFFITHS & GRIFFITHS	2006 [1976]	Artigo	Descrição de aspectos gramaticais da língua Kadiwéu.
SOUZA	2009	Artigo	Estudo sobre a elaboração de uma gramática pedagógica a partir de reflexões sociolinguísticas.
SOUZA	2009	Artigo	Estudo sobre a elaboração de uma gramática pedagógica a partir de reflexões sociolinguísticas.

Quadro 8. Quadro de estudos da Língua Kaiowá.

LÍNGUA KAIOWÁ			
AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO
BRIDGEMAN	1960	Artigo	Análise e descrição do acento em Kaiowá.

BRIDGEMAN	1961	Artigo	Análise e descrição fonológica da língua Kaiowá.
BRIDGEMAN	1981	Tese de Doutorado	Um estudo sobre a organização de textos orais em diversas situações discursivas.
HARRISON & TAYLOR	1971	Artigo	Apresenta explicações sobre o fenômeno da nasalização de vogais orais em determinados contextos.
TAYLOR & TAYLOR	2010[1966]	Artigo	Estudo descritivo de aspectos gramaticais da língua Kaiowá.
TAYLOR	1984	Artigo	Estudo sobre a marcação temporal na língua Kaiowá.
TAYLOR	1984	Artigo	Estudo sobre a interrogação na língua Kaiowá.
TAYLOR & TAYLOR	s/d	Gramática	Gramática pedagógica da língua Kaiowá.
CARDOSO	2001	Dissertação de Mestrado	Estudo das categorias sintagmáticas lexicais e funcionais fundamentada no modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria Gerativa.
CARDOSO	2005 a	Artigo	Reanálise de aspectos fonológicos da língua Kaiowá.
CARDOSO	2005 b	Artigo	A autora faz um estudo preliminar da morfossintaxe verbal da língua Kaiowá/Guarani.
CARDOSO	2006	Artigo	O trabalho versa sobre marcadores de pessoas em kaiowá/Guarani.
CARDOSO	2007	Artigo	Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização/ou oralização.
CARDOSO	2008 b	Artigo	Negação em Kaiowá.
CARDOSO	2011	Artigo	Gramática Kaiowá: estratégia de marcação de caso.
CARDOSO	2015	Livro-gramática	Gramática Kaiowá.

CARDOSO	2007	Artigo	Reanálise de aspectos fonológicos da língua Kaiowá.
CARDOSO	2008 a	Tese de Doutorado	Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani).
VIEGAS	2017	Dissertação de Mestrado	Nomes e Predicados em Kaiowá.
MEJIA	2017	Dissertação de Mestrado	Verbo em Kaiowá: uma descrição morfológica.
BARROS	2014	Dissertação de Mestrado	Dicionário Bilingue Kaiowá – Português.
BARBOSA	2018	Dissertação de mestrado	O trabalho da pesquisadora indígena Guarani Kaiowa versa sobre a análise morfológica da língua kaiowá fundamentos para uma Gramática e Dicionário Bilingue.
MARTINS, CATÃO, VILHALVA E SILVA	2017	Artigo	Neste estudo apresentamos uma breve reflexão sobre as noções de argumento e predicado em Guarani Paraguai, Kaiowá e Guarani Ñandéva a partir de um conjunto de palavras consideradas por Guasch (1996), Melià (2006), Caneze & Acosta (2007), Guarania (2008), Assis (2008) e Cardoso (2008) como sendo verbos, enquanto que Rodrigues (1952, 1953, 1981, 1996, 2001) tem considerado como nome.
MARTINS e VIEGAS	2019	Artigo	Neste trabalho, apresentamos a descrição morfológica de nominalizadores existentes na língua Kaiowá, língua do sub-ramo I da família Tupí-Guaraní, conforme Rodrigues (1985). Este estudo é parte do resultado da dissertação de mestrado defendida em 2017 sob o título “Nomes e Predicados Nominais em Kaiowá” (VIEGAS, 2017), orientada pelo prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (PPG Letras/UFGD).
MEJÍA	2019	Livro	O livro é a dissertação da pesquisadora, tem por

			objetivo realizar um estudo descritivo da morfologia flexional e morfologia derivacional da classe de verbos em Kaiowá.
BARBOSA e BARBOSA	2019	Artigo	O artigo apresenta uma descrição de algumas expressões linguísticas metafóricas que codificam as emoções e os sentimentos em Kaiowá.
ELIZABETH FERNANDES	2011	MONOGRAFIA	Uma análise dos empréstimos do Português no Guaraní Kaiowá utilizados por estudantes do 9º ano da Escola Ñadejára Pólo – Aldeia Te'yikue.
RENATA CASTELÃO	2011	MONOGRAFIA	Uma discussão sobre o uso da ortografia por estudantes e professores da Aldeia Te'yikue.
CATALINA RODRIGUES	2011	MONOGRAFIA	Coleta de nomes e histórias das sementes da T.I. Te'yikue/Caarapó para produção de material didático.
ELLIZABETHE BENITES VILHALVA e CRISPIM SOARES	2015	MONOGRAFIA	Propostas Didáticas no Ensino de Português como Segunda Língua para indígenas Guaraní/Kaiowá.
EDSON LOPES e JANAINA PEREIRA MONTIEL	2015	MONOGRAFIA	Verbos Transitivos em Guaraní: Uma proposta de material didático.
JUNIOR JOEL LOPES MACHADO e IRENE REGINALDO GOMES	2017	MONOGRAFIA	O substantivo na língua kaiowá – uma proposta de material didático.
LAIDE LOPES	2017	MONOGRAFIA	Um estudo de variação lexical e fonológica a partir da fala de velhos e jovens da Reserva Indígena Takuapery.
MARIA APARECIDA ROMERO	2017	MONOGRAFIA	Levantamento de dados lexicais para um estudo posterior sobre a variação lexical e fonológica na língua kaiowá falada na Reserva Indígena Sassoró.

FELISBERTO CORREA VILHALVA e ELDO DA SILVA	2017	MONOGRAFIA	Argumento e Predicado em kaiowá: uma proposta de análise linguística para o ensino de verbos e nomes nas escolas indígenas guarani kaiowá.
LURDES GODOI	2017	MONOGRAFIA	O ensino de língua guarani na escola Jeguaka Poty da aldeia de Guaimbe Pery.
MARILENE AQUINO XIMENES	2017	MONOGRAFIA	Proposta de Material Didático para o Ensino de Língua Materna.
JANETE DE SOUZA	2017	MONOGRAFIA	Levantamento de empréstimos e neologismo na Língua Kaiowá falada na aldeia Jaguapiru Reserva Indígena de Dourados.
CLEBERSON OLIVEIRA & ZENILTON FERNANDES	2017	MONOGRAFIA	Levantamento de empréstimos e neologismos na língua Kaiowá falada na Aldeia Bororo, Reserva Indígena de Dourados.
FABIO CONCIANZA	2017	MONOGRAFIA	Antroponímia Kaiowá: TERY TEE Tekoha Panambizinho-PY.
WANEIDE GARAI	2017	MONOGRAFIA	Ensino de Língua Materna por meio de narrativas e poemas: proposta didática.

Quadro 9. Quadro de estudos da Língua Guarani Nhandéva.

LÍNGUA GUARANI NHANDÉVA			
AUTORES	ANO	GÊNERO	ASSUNTO
ASSIS	2008	Dicionário Bilingue	Dicionário Bilingue Guarani-Portuge / Português / Guarani.
COSTA ⁴	2010	Tese de Doutorado	Nhandewa Aywu Fonologia do Nhandewa-Guarani.
EDIVALDO NUNES	2011	MONOGRAFIA	Empréstimo na fala em Guarani na Aldeia de Cerrito.
MACIEL V. CACERES	2011	MONOGRAFIA	O Empréstimo Linguístico na Aldeia Porto Lindo.
LUCIANA MORALES VERA	2015	MONOGRAFIA	Proposta de produção de material de leitura: histórias contadas pelos mais velhos.

⁴ Este não contempla a variedade falada no Sul de Mato Grosso do Sul.

e ELENIR BENITES			
RODOLFO GODOY HERMINIO FERNANDES	2015	MONOGRAFIA	Possessivo e Demonstrativos em Guarani: uma proposta de material didático.
SILVIO PIRES	2015	MONOGRAFIA	Retomada de Potrero Guassu e implantação de uma escola indígena nessa área: proposta de produção de material de leitura Guarani – Português.
NELINHO NUNES	2015	MONOGRAFIA	Posposição em guarani: uma proposta de material didático.
GLORIA SALINA	2017	MONOGRAFIA	Ensino de língua materna por meio de narrativas e poemas: proposta didática.
MIDONIO DIAS ORNELO	2017	MONOGRAFIA	A fricativa Glotal na variedade do Guarani Ñandéva da Terra Indígena Porto Lindo – um primeiro levantamento.
EDGAR LOPES E ANDRE CENTURION	2017	MONOGRAFIA	Proposta de material de leitura para o Ensino de Guarani Ñandéva e Língua Portuguesa na Terra Indígena Porto Lindo – MS.
MIELNICK	2019	Dissertação de mestrado	O autor faz uma análise dos processos fonológicos e a variação linguística da língua Guarani falada por estudantes Ñandéva do ensino fundamental da escola indígena Tekoha Guarani Polo localizada na Reserva Indígena Porto Lindo, município de Japorã em Mato Grosso do Sul.

Como podemos observar nos quadros expostos acima, além das pesquisas em outras línguas indígenas há uma crescente contribuição da Área de Linguagens da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, contribuição essa que pode ser notada nos crescentes números de trabalhos acadêmicos que tenham como foco principal a língua indígena, que tem por referência a Língua Guarani Ñandéva e Kaiowá.

Também é digno de observação que algumas línguas indígenas presentes no Mato Grosso do Sul têm um número considerável de trabalhos acadêmicos que variam entre

monografias, dicionários, artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorados, como é o caso da Língua Terena, Língua Kaiowá e a Língua Guarani Ñandéva, ao contrário de outras línguas, com pouquíssimos trabalhos acadêmicos, como é o caso da Língua Kinikinau, Língua Guató e a Língua Ofayé.

No caso específico de pesquisas referentes ao Guarani Ñandéva, encontramos dois trabalhos: o de Consuelo Godinho Costa e de Cecy Fernandes de Assis.

No livro *Nhandewa Aywu Fonologia do Nhandewa-Guarani*, publicado em 2010, de Consuelo de Paiva Godinho Costa, a autora faz uma descrição da fonética e da fonologia do Guarani *Nhandéwa* falado em São Paulo e norte do Paraná.

A segunda autora, Cecy Fernandes de Assis, contribuiu com um dicionário bilíngue, elaborado em (2008). Esse material se trata do *Avañe'e – Portuge/ Português - Avañe'e*. Dicionário bilíngue realizado com a participação dos moradores da Terra Indígena Porto Lindo, localizada no município de Japorã, uma das regiões onde vivem falantes do Guarani *Ñandéva* mato-grossense-do-sul.

Embora já tenhamos trabalhos descritivos importantes sobre todas essas línguas, o Guarani *Ñandéva* falado em Mato Grosso do Sul por um contingente populacional que gira em torno de 13.000 indivíduos, segundo os dados do Instituto Socioambiental⁵, não possui nenhum estudo linguístico, para além de uma proposta de dicionário cuja lógica de organização e descrição seguiu o modelo do que se tem descrito para o Guarani Paraguaio, trata-se do trabalho de Assis (2008).

Ao longo dos anos de 2009 até o presente (2019), venho auxiliando na formação de professores indígenas Guarani e Kaiowá nos cursos que funcionam na metodologia da alternância. Dentro desse modelo de formação, o tempo comunidade nesse período de dez anos me possibilitou um convívio com os falantes de Guarani: Paraguaio; Ñandéva e Kaiowá. Cabe destacar que são línguas irmãs e pertencem ao sub-ramo 1 da Família Tupi-Guarani, conforme Rodrigues (1984/1985).

Com essa convivência, percebi que o Guarani falado no cone sul era equivocadamente tratado como uma variedade do Guarani Paraguaio, no entanto, nenhum trabalho descritivo da língua Guarani Ñandéva do MS havia sido realizado com a perspectiva de considerá-lo como uma língua e não apenas como um dialeto. Na verdade,

⁵ O Instituto Socioambiental que atua desde 1994 ao lado da comunidade indígenas, quilombolas e extrativistas. Acesso em 15/10/2020

sob esse modo de olhar o Guarani Ñandéva de Mato Grosso do Sul, ainda não possuímos trabalhos com rigor científico, que descrevem os níveis fonético, fonológico, morfológico e sintático dessa língua em particular. A escrita utilizada pelos indígenas da região, por exemplo, é emprestada do Guarani Paraguaio, o que tem contribuído, inclusive, para a ideia de que se trata de uma única língua dentro do contexto da educação escolar indígena das comunidades guarani do cone sul de MS. Embora essa distinção seja realizada no discurso, na prática o que se nota é uma postura homogênea do Guarani Paraguaio.

Cabe destacar que, para além das descrições feitas por missionários e por uma pesquisadora que desenvolveu uma proposta de dicionário desta língua, tomando como parâmetro o Guarani Paraguaio, não temos avançado nos estudos descritivos do Guarani Ñandéva falado no cone sul de Mato Grosso do Sul. Dessa forma, permanecemos também estacionados no que se refere a estudos sociolinguísticos que possam evidenciar e sistematizar as variações existentes nessa língua, o que dificulta a produção de materiais didáticos para o ensino da língua voltado à realidade dos seus próprios falantes. Por conta disso, realizamos um primeiro estudo descritivo do nível mais elementar de um sistema linguístico: o nível fonético.

Como já tenho desenvolvido atividades de ensino, pesquisa e extensão na UFGD desde 2013, levando em consideração o uso e o ensino da língua Guarani falada por indígenas, a realização do Mestrado em Letras, na área de Linguística Aplicada e Transculturalidade, possibilitou o desenvolvimento de um estudo mais sistemático do Guarani falado no Mato Grosso do Sul. No entanto, como nenhum nível dessa língua tenha sido estudado em profundidade linguística, optei por realizar uma descrição do sistema fonético dessa língua falada no Cone Sul do MS, o que permitirá, no futuro, estudos fonológicos e discussões acerca da escrita da língua, somada ainda a estudos gramaticais que se seguirão a este que pretendo realizar e viabilizar o desenvolvimento de um estudo mais sistemático do Guarani falado no Mato Grosso do Sul. O estudo que apresento neste trabalho contempla colaboradores de diversas faixas etárias, do sexo masculino e feminino. Os dados foram coletados nos anos de 2018 e 2019.

A seguir apresento uma lista dos Tekoha Guarani Nhandéva e Kaiowá do Cone sul do Mato Grosso do Sul, que fazem parte do espaço de pesquisa. Para melhor compreensão optamos por demonstrar o quadro sendo o primeiro referente às Reservas Indígenas demarcadas e criadas entre os anos de 1915 a 1928. Para elaborar esse quadro, utilizamos como referência o trabalho de Cavalcante (2013).

1.2 Reservas Indígenas demarcadas criadas entre 1915 e 1928

Quadro 10 - Referente às Reservas Indígenas demarcadas entre 1915 e 1928.

Terra Indígena	Grupo Étnico	Município	População
Amambai	Kaiowá	Amambai	7.934
Dourados	Guarani / Kaiowá e Terena	Dourados	11.880
Caarapó/ Te'yíkwé	Guarani / Kaiowá	Caarapó	5.200
Porto Lindo/Jacare'y	Guarani	Japorã	4.242
Taquaperi	Kaiowá	Coronel Sapucaia	3.180
Sassoró/Ramada	Kaiowá	Tacuru	2.300
Limão Verde	Kaiowá	Amambai	1.330
Pirajuí	Guarani	Paranhos	2.184
Total:			38.525
Dados fornecidos pela FUNAI, população estimada a partir do Censo populacional de 2010 e do SIASI – Sistema de Informações sobre Atenção à Saúde Indígena da SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena, Ministério da Saúde. Os dados refletem a situação até fevereiro de 2010.			

Este é o espaço de pesquisa no qual estamos inseridos. Ao longo de minha atuação na formação de professores indígenas guarani kaiowá no nível médio iniciado no ano de 2009, até a data atual no nível do ensino superior, tive a oportunidade de conhecer vários Tekoha, entre os quais citamos alguns: Amambai (*Guapo'y*); Dourados (*Jaguapiru e Bororó*) Panambizinho, Lagoa Rica, Caarapó (*Te'yíkwé*); Porto Lindo (*Jacare'y*); *Taquepery*; Sassoró/Ramada; Limão Verde; *Pirajui*; *Cerrito*; *Guaimbé*; *Guassuty*; *Jaguapiré*; *Jaguary*; *Jarará*; *Panambizinho*; *Pirakuá*; *Rancho Jacaré*; *Sete Cerros*; *Sucuri'y*; *Paraguassu (Takuaraty/Yvykuarusu)*; *Arroio Kóra*; *Ñande Ru Maranguatu*; *Panambi – Lagoa Rica*; *Potrero Guaçu*, *Jarara*, *Guaivyry e Taquara*. Um outro ponto importante que cabe destacar e que determinou a escolha da pesquisa é a existência da Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu, curso da Universidade Federal da Grande Dourados, lotado na Faculdade Intercultural Indígena, onde atuo como docente desde 2013. Essa licenciatura é composta de quatro áreas de conhecimento: Linguagens; Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática.

A Área de Linguagens da Licenciatura Intercultural Indígena - Teko Aranduhabilita professores indígenas guarani e kaiowá para atuar nas disciplinas de: Língua Guarani, Língua Kaiowá, Artes, Língua Portuguesa, Literatura e Educação Física, sendo esse um espaço privilegiado para pesquisas das línguas indígenas, pois a modalidade pedagógica utilizada é da alternância, o que viabiliza a mobilidade entre universidade e aldeias ao longo de todo o ano letivo.

Os debates em sala de aula a respeito das atribuições da Linguística e a importância de seu estudo teórico para melhor explicar os fenômenos linguísticos das línguas indígenas procuram, assim, entender tais fenômenos e poder auxiliar o entendimento desses com uma explicação de forma clara e satisfatória para os alunos indígenas, acerca do trabalho que a Linguística se propõe a realizar, remete as palavras de França:

O maior desafio da Linguística como ciência é exatamente lidar cotidianamente com uma tensão entre os critérios de adequação descritiva, que fazem ressaltar as diferenças entre língua, e os critérios de adequação explicativa, que se sustentam nas semelhanças cognitivas da espécie humana e de sua capacidade Linguística. (FRANÇA, 2018, p. 18).

A respeito da metodologia utilizada nas aulas do Tempo Universidade, com os professores em formação, acerca das pesquisas científicas, que têm por objetivo a descrição de línguas nativas, compartilhamos da opinião de Lyons, que afirma:

Mas concordam unanimemente sobre as principais diferenças entre o estudo científico da língua e o estado não-científico. Começamos então com os pontos unânimes. O primeiro o mais importante deles é que a linguagem é empírica ao invés de especulativa e intuitiva, opera com dados publicamente verificáveis por meio de observações e experiências. Ser empírica, neste sentido, é para a maioria a própria marca registrada da ciência. Estreitamente relacionada à propriedade de ser empiricamente embasada está a da objetividade. A língua é algo que normalmente não nos preocupa: algo familiar, desde a infância, de uma maneira prática e irrefletida. Tal familiaridade prática com a língua tende a representar uma barreira para um exame objetivo. Há diversos tipos de preconceitos sociais, culturais e nacionalistas associados a uma visão leiga da linguagem e das línguas. Por exemplo, um sotaque ou dialeto de determinada língua pode ser considerado inerentemente mais puro que outra. A objetividade exige, no mínimo, que se lance um desafio contra tais percepções e que termos como “puro” e “primitivo” sejam claramente definidos ou abandonados. (LYONS, 1981; p. 46).

No contexto de sala de aula, por ter uma interação satisfatória com os falantes das línguas Kaiowá e Ñandéva, o que viabiliza discussões acaloradas a respeito do funcionamento e a estrutura das línguas indígenas, os cursistas como são falantes nativos fazem perguntas a todo momento a respeito da estrutura da língua e do léxico que compõem o acervo linguístico que fazem uso. Procuramos conscientizar da necessidade de pesquisas linguísticas, como os Tekoha estão espalhados pelo cone sul do Mato Grosso do Sul, há uma grande possibilidade de variação e mudança linguística que pode estar ocorrendo nas línguas indígenas, sendo este apenas um dos fatores linguísticos que podem ser pesquisados.

A questão de variação e mudança causa um estranhamento muito grande entre os cursistas a respeito do estado atual das línguas indígenas, falantes do Kaiowá são vistos como portadores de uma fala antiga, dos mais velhos, sendo assim fazemos eco da afirmação de Barzotto: “Admitindo-se as variedades em sala de aula, sem hierarquização ou valorização respeita-se melhor a Constituição, pois evitam-se os danos causados por julgamentos negativos como a atribuição de uma falta de valor ou de inadequação” (2004, p. 96).

Sendo assim, na esteira da afirmação de Barzotto, temos procurado juntos aos cursistas estimular as pesquisas em variação e mudança linguística em seus *Tekoha*. Objetivamos demonstrar, através da coleta e análise dos dados linguísticos, que as línguas indígenas estão sujeitas a variações e mudanças linguísticas que porventura estejam em curso, sendo de vital importância incorporar tais variações e mudanças, ampliando o conhecimento da própria língua dos cursistas e combatendo a questão do preconceito linguístico em sala de aula.

Devido à minha maior aproximação, no Teko Arandu, com falantes da língua Guarani Ñandéva, tendo acesso sobretudo à Reserva Indígena Porto Lindo, localizada no município de Japorã-MS e à Reserva Indígena *Pirajuí*, localizada no município de Paranhos-MS, considero assim uma oportunidade única para a realização desta pesquisa, tanto para contribuir com a ampliação dos conhecimentos linguísticos das línguas indígenas brasileiras quanto ao ensino dessa língua nos cursos de formação de professores indígenas guarani e kaiowá, para o seu ensino nas escolas indígenas localizadas nas comunidades em que há falantes do Guarani Ñandéva. A Terra Indígena Porto Lindo está

localizada no município de Japorã, localizado no sul do Mato Grosso do Sul, descrita assim nas palavras de Tavares (2016):

[...] a aldeia Porto Lindo situa-se a 25 km da sede do município de Japorã/MS e nela vivem, de acordo com os próprios moradores, essencialmente indígenas da etnia Guarani Ñandéva. O acesso a essa comunidade é um pouco mais difícil em relação ao acesso à comunidade Guarani Kaiowá de Dourados [...]. A estrada que leva até a aldeia não é asfaltada e, dependendo da época, há trechos com muitos buracos. Segundo dados do Censo 2010, Japorã possui uma população de 7.731 pessoas, sendo que, desse total, 49,4% (3.822 habitantes) se autodeclararam indígenas (TAVARES, 2016, p. 371).

A Terra Indígena *Pirajuí*, localizada no município de Paranhos MS faz fronteira com a República do Paraguai. A aldeia é definida assim pela professora indígena guarani Gloria Salina, moradora da aldeia:

A Reserva Indígena Pirajuí localiza-se 20 km da cidade de Paranhos-MS. Há aproximadamente três mil habitantes da etnia Guarani. Há quase 50 anos ninguém de Pirajuí sabia ler e escrever. Hoje, a maioria já sabe ler e escrever e muitas pessoas assumem as responsabilidades sociais da área indígena, atuando como professor, enfermeiro, agente de saúde, motoristas e outros. (SALINA, 2017)

Cabe destacar que no trabalho de levantamento de dados, encontramos o site da ASSOMASUL, Associação dos Municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, nas páginas visitadas para a pesquisa, dos municípios de Paranhos e Japorã, os espaços dedicados às áreas indígenas estavam em branco, não traziam nenhuma informação a respeito das áreas indígenas que se localizam nesses municípios.

Sabe-se que a população Ñandéva atual encontra-se localizada em diversas regiões, como Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, de acordo com o Instituto Socioambiental. Entretanto, para além dos estudos realizados por Costa (2010) para o Guarani Ñandéva falado em São Paulo, não temos conhecimento de estudos fonéticos e fonológicos considerando as outras regiões em que essa língua também é falada. Diante disso, a presente proposta de pesquisa se justifica pela ausência de trabalhos científicos que toquem nessa questão, no que se refere ao dialeto a ser analisado, com o intuito de identificar, analisar e descrever os sons da língua Guarani Ñandéva falado no Cone Sul de Mato Grosso do Sul.

Para ter profundidade na análise e descrição de uma língua indígena, acreditamos que o trabalho de campo é de fundamental importância. Embasamos nossa proposta de trabalho de campo seguindo as orientações de Oiticica (1933), de Sara Gudshinski (apud CÂMARA JR, 1979) e tomamos como base para a coleta de dados a Lista de Palavras do Museu Nacional do Rio de Janeiro e a lista de palavras do Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras (ASLIB).

Em sua obra intitulada *Do método no estudo de línguas sul-americanas*, de 1930/33, o professor Jose Oiticica aponta os problemas de metodologias usadas ao longo do tempo e que dificultavam a descrição das línguas indígenas, mais precisamente no sexto tópico, aqui apresentado e compilado na íntegra sugere que:

De tudo conclui-se a necessidade imperiosa de refazer-se o material existente, quanto possível, e, sobretudo, organizar novo material, estudando a fundo as línguas e dialectos ainda vivos, antes que se extingam. Faz-se, pois, mister colher vocabulários completos, organizar gramáticas e principalmente, apanhar textos ouvidos por indígenas (OITICICA, 1933, p.46).

Neste caso específico, adicionamos aos métodos utilizados ao longo do feito nesta dissertação, pois aqui se adiciona algo a mais, um *plus*, do que sugere o professor Oiticica, pois o *locus* de pesquisa e coleta de dados a fonte direta é a formação de professores Guarani Kaiowá, na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, mais precisamente, na Área de Linguagens.

No livro *Introdução às Línguas Brasileiras* (1979), de Joaquim Mattoso Câmara Junior, na apresentação da obra realizada por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, temos a seguinte afirmação:

A obra que a coleção *Linguística e Filologia* agora república, *Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras*, é inegavelmente a contribuição mais relevante do autor sobre o assunto. A obra reúne as palestras dadas por Mattoso Câmara no Museu Nacional, em 1960, com o fim “de proporcionar aos estudiosos de etnologia brasileira um curso de pós-graduação, de caráter introdutório, sobre o método linguístico e sua aplicação ao estudo das línguas indígenas”. São ao todo dez as palestras que foram cuidadosamente gravadas e depois transcritas, a que se segue outras três de Sarah Gudshinski, do Summer Institute of Linguistics (SIL), sobre técnicas de pesquisa linguística (1979; p.4).

Como podemos observar, no Suplemento “A técnica de pesquisa”, a pesquisadora Sara Gudshinski informa em sua palestra *A Aplicação da Análise Fonêmica e Mórfica*, as técnicas de análise fonêmica e mórfica. A autora propõe que:

Começaremos pela fonêmica. Nosso estudo terá como base a teoria de hierarquização de Pike, que abrange, como unidade, desde o estudo de fonemas, sílabas, grupos acentuais, grupos de pausa, grupos de entonação (ou intonação) até a estrutura fonológica dos parágrafos, histórias, poemas ou conversações completas. Para simplificar a exposição limitaremos nosso estudo aos fonemas e sílabas, fazendo ligeiras menções aos grupos acentuais e à intonação, uma vez que esses quatro itens constam em quase todas, senão em todas as línguas. (CÂMARA JR.,1979. p. 199).

Outro método de pesquisa, que foi utilizado nas primeiras pesquisas com os povos e línguas indígenas brasileiras consiste na coleta de dados referentes aos povos indígenas, se trata do *Formulário dos Vocabulários Padrões para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras*, esse Questionário foi utilizado pelo Museu Nacional pela Divisão de Antropologia – Setor Linguístico, sendo esta a segunda edição, de 1960.

Já o ASLIB é um projeto desenvolvido pelo Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB) com as seguintes instituições: Universidade Federal da Grande Dourados, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Rondônia, Universidade Federal do Sudoeste do Pará, Universidade Estadual do Goiás, Universidade Estadual do Amazonas e Universidade Estadual do Pará, na atualidade o projeto do Atlas Linguístico está em pleno desenvolvimento.

O Projeto Atlas das Línguas Indígenas Brasileiras, (ASLIB), visa desenvolver um Atlas linguístico que se trata de uma lista que possui cerca de 2000 palavras, envolvendo nomes de elementos da natureza, partes do corpo, grau de parentesco, fauna, flora, utensílios domésticos, processos vitais, elementos relacionados à espiritualidade, entre outros (CABRAL et all, 2015).

Para coletar os dados desta pesquisa elaboramos também uma lista de frases em Língua Portuguesa e solicitamos aos colaboradores da pesquisa que fizessem a tradução simultânea e oral ou a aproximação do significado na Língua Guarani Nãndéva. Fizemos a gravação dos dados em um ambiente propício para a coleta. Apresentávamos aos informantes uma lista contendo 105 frases. O próximo passo foi a gravação da lista de frase, cada frase foi gravada duas vezes. Ao todo foram coletadas aproximadamente 486 frases, destas foram pré-selecionadas 19 frases.

CAPÍTULO II – MÉTODOS E PROCEDIMENTOS PARA A PESQUISA

2.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos para a realização deste estudo articulatório e acústico, lançamos mão, como método de coleta de dados uma iniciativa própria. Tivemos a oportunidade de elaborar uma lista de frases em língua portuguesa que era traduzida em tempo real pelos informantes, sendo esta iniciativa bem entendível, pois, no nosso olhar, fazer a opção por esta metodologia, tem uma consequência interessante, no nosso entendimento, os dados coletados tendem a se avolumar, com isso as possibilidades aumentam, ampliar e fomentar a construção de um banco de dados, para, posteriormente metodicamente analisá-los, a procura dos eventuais fenômenos acústicos e as propriedades acústicas de uma consoante e seus fenômenos linguísticos

Para coletar os dados elaboramos também uma lista de frases em Língua Portuguesa e solicitamos aos colabores da pesquisa que fizessem a tradução oral ou a aproximação do significado na Língua Guarani Ñandéva. Apresentávamos aos informantes uma lista contendo 105 frases.

Fizemos a gravação dos dados em um ambiente propício para a coleta. Contamos com a colaboração de três informantes dos povos originários Guarani Ñandéva, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. Oilson e Onésimo, moradores da Terra Indígena Porto Lindo município de Japorã MS e Rozilene Ramires Vera, moradora da Terra Indígena Potrero Guaçu, localizada no município de Paranhos MS.

Oilson Souza, 23 anos, acadêmico da Área de Linguagens do Teko Arandu, Guarani Ñandéva, morador da Terra Indígena Porto Lindo, município de Japorã MS.

Onésimo de Brum, 24 anos, guaranis Ñandéva, acadêmico da Área de Ciências Humanas, morador da Terra Indígena Porto Lindo, município de Japorã MS.

Rosilene Ramires Vera, 26 anos, acadêmica da Área de Linguagens do Teko Arandu Guarani Ñandéva, moradora da Terra Indígena Potrero Guaçu, localizada no município de Paranhos MS. Optamos nesta dissertação utilizar somente os dados masculinos.

O próximo passo foi a gravação da lista de frase. Para tal empreitada nos munimos de um gravador digital Tascam Dr-5, utilizamos a configuração *Low Cu* ativada, mantemos assim devido ao fato que essa função reduz os possíveis ruídos de baixa

frequência e propicia uma gravação mais clara, a resolução da qualidade de frequência de áudio 44.1 Hz, em único canal (mono), estas medidas são sugeridas para que se possa ter uma maior eficiência de trabalho com o software *PRAAT*. Tomamos a precaução e o cuidado de que cada frase fosse gravada duas vezes, salientamos que é uma garantia para prevenir alguma falha nesses dados coletados, por esse motivo cada frase foi gravada duas vezes.

Ao todo foram coletadas aproximadamente 486 frases, destas foram pré-selecionadas 16 frases que, ao nosso olhar, serviria para a realização da discussão acerca do fenômeno linguístico a ser analisado neste estudo.

Abaixo listo alguns trabalhos realizados recentemente tendo o *PRAAT*, como recurso tecnológico que tiveram como objeto de análise línguas indígenas brasileiras.

Quadro 10. Línguas indígenas brasileiras que utilizaram o software PRAAT para suas pesquisas.

AUTOR	ANO	GENERO	ASSUNTO
SILVA	2011	Dissertação de mestrado	Este trabalho consiste em uma dissertação de Mestrado sobre a língua Yaathe do tronco linguístico Macro-Jê.
IVO	2014	Dissertação de mestrado	Trata-se de uma dissertação de Mestrado sobre as características fonéticas do Guarani-Mbyá, variedade falada na aldeia Paraty Mirim, na cidade de Paraty do estado do Rio de Janeiro.
COUTO	2016	Tese de doutorado	Na tese de doutorado de Couto (2016), ele buscou realizar uma descrição dos aspectos prosódicos da língua indígena Manxineru por meio da acústica experimental. Entre muitos recursos tecnológico e metodológico utilizados para compor a pesquisa de Couto, ele elegeu o software PRAAT para esclarecer fenômenos fonéticos e morfológicos dessa língua.
NASCIMENTO, MAIA e COUTO.	2016	Artigo	Refere-se a um estudo que busca evidenciar

			<i>Tempo e Evidencialidade</i> – na perspectiva Psicolinguística Experimental --, em duas categorias gramaticais na língua Kaingang, família Jê do Tronco Macro-jê.
VIANA	2017	Dissertação de mestrado	Este trabalho tem como objetivo descrever aspectos sociolinguísticos e fonológicos da língua Kinikinau, uma língua Aruák (AIKHENVALD, 1999) localizada no pantanal sulmatogrossense e falada por um povo conhecido pelo mesmo nome.
IVO	2018	Tese de doutorado	Este trabalho tem como objetivo apresentar as características fonéticas de sons aproximantes, comumente descritos como fricativos em outras análises para o Guarani-Mbyá (família Tupi-Guarani), além de apresentar características fonéticas de sons africados dessa língua, com o intuito de subsidiar uma interpretação pragueana do seu sistema fonológico, a partir da variedade falada na aldeia Tekoa Itax □ □ □ localizada em Paraty Mirim (Paraty, RJ).
ALVES	2019	Dissertação de mestrado	O autor tem por dois os objetivos nesse trabalho acadêmico são tanto práticos como também teóricos. Consistem em analisar e testar a usabilidade do software Praat dentro de uma perspectiva linguística e avaliar o uso do software por meio de critérios heurísticos da

			usabilidade postulado por Nielsen (1993).
--	--	--	---

2.2 Fonética

A Fonética, é uma área de conhecimento que se caracteriza por ser “uma disciplina da linguística com métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala” (SILVA. 2011, p 111). Entendemos que o conceito de estudo da fala encontrado na afirmação de Kent e Read (2015, p.11,) vêm ao encontro com as propostas de nossa pesquisa.

a fala ganha sua importância única como meio principal pelo qual a língua é expressa em todas as culturas humanas, exceto para as pessoas surdas. A fala é uma modalidade da linguagem. A comunicação da fala é comum a quase todos os humanos em qualquer cultura, em qualquer parte da terra – exceto os surdos. Produto da fala é um sinal acústico. Esse sinal representa a mensagem comunicativa do falante. Sob circunstâncias comuns, o sinal acaba rapidamente à medida que as vibrações sonoras são amortecidas pelo mundo físico, mas as técnicas modernas de gravações nos permitem preservar os sinais da fala, e essa capacidade abre novos horizontes para o estudo da fala (KENT e READ, 2015, p.11).

A Fonética está dividida da seguinte forma: A Fonética Acústica, a Fonética Auditiva, a Fonética Articulatória e a Fonética Instrumental. No entanto, neste estudo fizemos a opção de optar por duas áreas dessa disciplina: Fonética Articulatória e a Fonética Acústica Experimental.

2.3 A Fonética Articulatória

A Fonética Articulatória se dedica a estudar a produção da fala, do ponto de vista fisiológico e articulatório. Damos ênfase primeiramente aos pontos ou lugares de articulação e aos modos de articulação

Os sons da língua guarani Ñandéva, assim como qualquer outra língua, são divididos em vogais e consoantes. Neste estudo priorizamos a consoante fricativa glotal por se tratar de uma consoante que em outras línguas “guarani” tende a desaparecer nas palavras, em alguns contextos. As consoantes são segmentos sonoros que se caracterizam por serem produzidas com a obstrução no canal de fonação. Ao considerarmos o modo de articulação, estamos nos referindo à produção de consoantes oclusivas, nasais, pré-nasalizadas (ou pós-orais), fricativas, africadas, vibrante simples, laterais e aproximantes.

2.3.1 Modo de Articulação

Os modos de articulação, ou como define Silva no Dicionário de Fonética e Fonologia é o “tipo de obstrução produzida durante a passagem de ar de acordo com as configurações assumidas pelos articuladores passivos e ativos durante a produção de um segmento” (SILVA, 2011, p.148).

Durante a análise dos dados sonoros, identificamos os articuladores que são responsáveis pela produção de segmentos, logo os modos de articulação do Guarani Ñandéva mato-grossense do-sul são: *oclusivo, nasal, fricativo, africado, laterais, tepe, retroflexo e aproximante*.

Oclusivo: “modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com a completa ou total obstrução da passagem de ar pelo trato vocal. As consoantes oclusivas são orais, pois são produzidas com o fechamento vélico.

Para efeito classificatório, caracterizamos as consoantes oclusivas como consoantes orais: [p] [t] [k] [k^w] [g] [g^w] [ʔ]

Exemplos:

- guapy [g^wa'pi] “sentar”
- gueru [g^we'ru] “trazer”
- jogua [dʒo'g^wa] “comprar”
- guereko [g^were'ko] “ter”
- gua'a [g^wa'ʔa] “arara”
- ygara: [iga'ra] “canoa”
- gotyo: [go'tio] “na direção de”
- ka'a: [ka'ʔa] “erva; mato”
- hakã: [ha'kã] “galho”
- kora: [ko'ra] “círculo”
- kokue: [ko'k^we] “roça “
- arakue: [ara'k^we] “durante o dia”
- kuarahy: [k^wara'hi] “sol”
- pyhare: [piha're] “noite”
- pytã: [pi'tã] “vermelho”
- porã: [po'rã] “bom, boa, bonito, bonita,”

Nasal: “modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas pela cavidade nasal. As consoantes nasais são oclusivas e, portanto, produzidas com a obstrução da passagem da corrente de ar pelo trato nasal, ou seja, são oclusivas nasais”. (SILVA, 2011, p.156).

Pós-orais/Pré-nasais: [m^b] [n^d] [ŋ] [ŋ^g]

Nasais: [m] [n] [ɲ]

Exemplos: [m] [n] [ɲ] [m^b] [n^d] [ŋ] [ŋ^g]

- mbarakaja [m^baraka'dʒa] “gato”
- morofi [moro'fi] “branco”
- monde [mo'n^dɛ] “armadilha”
- ména ['mena] “marido”
- moõ [mo'õ] “onde”
- kuimba'e [k^wim^ba'ʔe] “homem”
- año [a'ŋo] “sozinho”
- kuña [ku'ɲa] “mulher”
- anga [a'ŋ^ga] “aparente”
- ñati'ũ: [ɲati'ũ] “mosquito”
- ñoty: [ɲo'ti] “plantar”
- nandi: [na'n^di] “vazio”
- nupã: [nu'pã] “bater”

Fricativas: “modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com o estreitamento da passagem de ar pelos articuladores, provocando fricção. Na produção das fricativas a passagem da corrente de ar é obstruída parcialmente”. (SILVA, 2011, p.123). [ʃ] [h] [s]:

- chugui [ʃu'g^wi] “dele”
- chyryry [ʃiri'ri] “fritar”
- che [ʃe] “eu”
- techapyrã [teʃapi'rã] “exemplo”
- mba'eicha: [m^ba'ʔejʃa] “como?”
- hatã: [ha'tã] “duro”

- hova: [ho'wa] “face”
- hory: [ho'ri] “alegria”
- syva : [si'wa] “fronte, testa”
- so'o : [so'ʔo] “carne”
- soro: [so'ro] “rasgado”
- vyro: [vi'ro] “bobo”
- yvu: [i'vu] “mina de agua”
- veve: [ve've] “voar”

Africada: “modo ou maneira de articulação de uma consoante produzida com a completa ou total obstrução da passagem de ar pelo trato vocal que é imediatamente seguida de uma articulação fricativa”. (SILVA, 2011, p.47).

Exemplos: [dʒ]

- jaha [dʒa'ha] “vamos”
- jagua [dʒa'g^wa] “cachorro”
- jaguarete [dʒag^ware'te] “onça”
- japi [dʒa'pi] “ferir”
- jasy [dʒa'si] “lua”

Lateral: modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com o fluxo de ar obstruído na linha central do trato vocal e com o escape lateral da passagem da corrente de ar. (SILVA, 2011, p. 140). [l] [ʎ]

Este modo ocorre somente nos casos de empréstimos linguísticos tanto do português como do espanhol.

Tepe: “modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com a ponta da língua devida a uma rápida batida nos alvéolos ou dentes”. (SILVA, 2011, p.210). [r]

Exemplos: [r]

- ra'y [ra'ʔi] “filho”
- rovaaja [rowa'dʒa] “cunhado”
- ryguasu [rig^wa'su] “galinha”
- rape [ra'pe] “caminho”
- rupa [ru'pa] “cama”

Retroflexo: “modo ou maneira de articulação das consoantes produzidas com a ponta da língua curvando-se em direção aos alvéolos e, concomitantemente, com o levantamento da parte posterior da língua em direção ao palato”. (SILVA, 2011. p. 196). Neste caso com os empréstimos que tem som do r na língua espanhola, ou o dígrafo *rr* no português, os falantes guarani Ñandéva faz uso da retroflexa/flap [ɾ],

Exemplos: [ɾ]

- três ['tɾe]
- carro ['ka'ɾo]
- vidro [vi'dɾo]

Aproximante: “som produzido com a aproximação dos articuladores ativo e passivo, mas em que a aproximação não é suficiente para produzir obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar”. (SILVA, 2011, p.62) [w], [v] e [j].

Exemplos: [w], [v] e [j]

[w] - Aproximante Labial-Velar Sonora

- jevy [dʒe'wi] “voltar”
- hovy [ho'wi] “verde”
- kyvy [ki'wi] “irmão”
- yvy [i'wi] “terra”
- yvyra [iwi'ra] “árvore”
- yvyku'i [iwiku'ʔi] “areia”

[v] - Aproximante Labiodental Sonora

- yvy [i'vi] “terra”
- yvyra [ivi'ra] “árvore”
- yvaga [iva'ga] “céu, firmamento”
- yva [i'va] “fruta”

[j] - Aproximante Palatal Sonora

Este som chamado de aproximante palatal sonoro [j] exerce uma função de semivogal e geralmente ocorre em contexto pós-vocálico e ao final de sílabas, abaixo damos exemplos com as vogais do Guarani Nandéva.

Exemplos: [j]

- haihu [haj'hu] “amar”
- haimbe [haj'm^be] “afiado”
- sapukái [sapu'kaj] “gritar”
- tãï ['tãj] “dente”
- johéi [d̥ʒo'hej] “lavar”
- mba'éicha [m^ba'ɛjʃa] ‘como’
- upéicha [u'pejʃa] ‘assim’
- upéi [u'pej] “depois”
- purahéi [pura'hej] “cantar”
- mbóï ['m^boɟ] “cobra”
- amoite [amoj'te] “lá”
- vevúï [ve'vuɟ] “leve”
- sÿj ['sÿj] “liso”

2.3.2 Lugar de Articulação

Tendo em consideração o lugar de articulação, Silva faz a seguinte referência: “o ponto ou lugar no trato vocal que é definido a partir da posição dos articuladores ativos em relação aos articuladores passivos é um dos critérios utilizados na classificação das consoantes [...]”. (SILVA, 2011, p. 147).

As *bilabiais* se caracterizam por se formarem em “lugar ou ponto de articulação de uma consoante cujo articulador ativo é o lábio inferior e o articulador passivo é o lábio superior. (SILVA, 2011, p. 68).

As bilabiais que identificamos foram: [m], [m^b], [p], [w].

Exemplos: [m], [m^b], [p], [w]

- po ['po] “mão”
- porã [po'rã] “bom, bonita”
- pota [po'ta] “querer”

- mberu [m^be'ru] “mosca”
- kamby ['kam^bi] “leite”
- tembe [te'm^be] “lábios”
- morofi [moro'fi] “branco”
- mandu'a [man^du'ʔa] “lembrança”
- tekove [teko'we] “vida”
- jyva [dʒ^ʔwa] “braço “

As *labiodentais* se caracterizam por “lugar ou ponto de articulação de uma consoante cujo articulador ativo é o lábio inferior e o articulador passivo são os dentes superiores. (SILVA, 2011, p. 139).

A labiodental que identificamos foi: [v]

Exemplos: [v]

- avati: [ava'ti] “milho”
- veve: [ve've] “voar”
- yvu: [i'vu] “mina d'água”
- rovaja: [rova'dʒa] “cunhado”
- vy'a: [vi'ʔa] “alegria”

As *Alveolares* se caracterizam por “lugar ou ponto de articulação de uma consoante cujo articulador ativo é o ápice ou a ponta da língua e o articulador passivo são os alvéolos (SILVA, 2011, p. 56).

As alveolares que identificamos foram: [t], [s],[n],[n^d] e [r]

- tova [to'va] “rosto”
- tesa [te'sa] “olho”
- tyryry [tiri'ri] “rasteja”
- fi ['fi] “nariz”
- ra'y [ra'ʔi] “filho em relação ao pai”
- rape [ra'pe] “caminho”
- rova [ro'va] “rosto”
- sy ['si] “mãe”
- so'o [so'ʔo] “carne”

- nambi: [na'm^{bi}] “orelha”
- nupã: [nu'pã] “bater”
- nandi: [na'n^{di}] “vazio”
- jyva: [d̥zi'va] “braço”
- ndivegua: [n^dive'g^wa] “concubina”

As *palatais* se caracterizam pelo lugar ou ponto de articulação de uma consoante cujo articulador ativo é a parte média da língua e o articulador passivo é o palato duro. (SILVA, 2011, p. 168).

Identificamos o som palatal: [ɲ].

Exemplos: [ɲ]

- ñaky [ɲa'ki] “verde”
- ñande [ɲã'n^de] “nós (inclusivo)”
- ñamói [ɲã'mój] “avô”
- ñuhã [ɲu'hã] “armadilha”
- año [a'ɲo] “sozinho”

As *velares* se formam a partir de um lugar ou ponto de articulação de uma consoante cujo articulador ativo é a parte posterior da língua e o articulador passivo é o palato mole. (SILVA, 2011, p.219).

As velares identificadas são estas: [k], [g], [ŋ], [ŋ^g], [ŋ^w] e [w]

- kapi'i [kapi'ʔi] “capim”
- karai [kara'i] “homem branco”
- marika [mari'ka] “caçar”
- kuaru [k^wa'ru] “urinar”
- kokue [ko'k^we] “roça”
- yvyra [iwi'ra] “árvore”
- anga [a'ŋa] “infeliz”
- ánga ['aŋa] “alma”
- ko'ánga [ko'ʔaŋ^ga] “agora”
- kangue [ka'ŋ^we] “osso”
- porogueru [porog^we'ru] “atrair”

- ogyke [ogʷ'ke] “parede”

A *Glotal* é formada no lugar ou ponto de articulação de uma consoante cujos articuladores são os músculos da glote. (2011, p.129):

Identificamos estas glotais: [ʔ] e [h].

- he'i [he'ʔi] “ele disse”
- ju'i [dʒu'ʔi] “rã”
- ha'i [ha'ʔi] “escrever”
- ka'a [ka'ʔa] “mato”
- ka'u [ka'ʔu] “bêbado”

Após a seleção das frases, das análises e as transcrições dos sons que realizamos, propomos a seguinte classificação para os sons vocálicos e consonantais do Guarani Ñandéva mato-grossense do sul:

Quadro 12 - Quadro fonético das vogais

Recoo Altura	Anterior	Central	Posterior
Alta	i ĩ	ĩ i	ũ u
Média	e ě		o õ
Baixa		a ã	

Quadro 13 - Quadro fonético das consoantes

Pontos Modos	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Palato Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivo	[p]		[t]			[k] [k ^w] [g] [g ^w]	[ʔ]
Nasal	[m]		[n]		[ɲ]		
Pré-nasalizado	[m ^b]		[n ^d]			[ŋ] [ŋ ^g] [ŋ ^{gw}]	
Fricativa		[v]	[s]	[ʃ]			[h] [ʰ]
Africada				[dʒ]			
Vibrante simples			[r]				
Lateral							
Aproximante	[w]	[ʋ]					

2.4 A FONÉTICA ACÚSTICA

A Fonética Acústica tem por objeto de estudo o som da fala, assim definida por Barbosa (2015):

Como todo som o objeto de estudo da Acústica, o som da fala tem por origem uma fonte sonora. O padrão sonoro gerado por essa fonte em algum ponto do aparelho fonador entre a glote e o lábio é habitualmente modificado por efeito de ressonância e no trato vocal e escapa pelos lábios. Ao ganhar o meio exterior, o som da fala assim obtido provoca uma perturbação no meio elástico circundando o falante (normalmente o ar) e estimula o aparelho auditivo do ouvinte. Essa perturbação pode ser vista na perspectiva de sua produção material, objeto da Fonética Acústica, bem como da sensação auditiva que provoca, objeto da fonética auditiva. (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p. 53).

Para este Estudo Acústico Exploratório, discutimos uma classe específica de som, por isso optamos por utilizar o método da Fonética Acústica Experimental. Acreditamos que com esse método possamos ampliar o conhecimento acerca da sonoridade das consoantes e, para tal, escolhemos uma consoante específica para a análise.

A consoante que nos chamou a atenção foi a Fricativa Glotal [h]. Esta escolha se deve ao fato de que esta consoante, no repertório consonântico das línguas indígenas guaranis, dependendo da língua, ela ocorre ou não. Sua ocorrência se dá em início de palavra, em contexto pré-vocálico, mas também intervocálico.

2.4.1 Análise Acústica Exploratória

Para a pesquisa de Análise Acústica Exploratória, elaboramos uma lista com 115 frases, tivemos 3 informantes, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. Na coleta de dados pedíamos aos informantes que gravassem duas vezes cada frase. Dois informantes gravaram essa lista completa, o outro informante gravou somente 36 frases. Na fase final do trabalho de coleta de dados conseguimos reunir ao todo 532 frases. Desta lista foram escolhidas 16 frases. Dezesseis palavras foram selecionadas para o estudo. Acreditamos que, com a gravação de frases, aumenta nosso número de dados e possibilita o eventual aparecimento de outros fenômenos linguísticos.

A segmentação dos dados da pesquisa teve o seguinte roteiro: a gravação das frases foi realizada em um ambiente propício para a coleta de dados, procuramos um espaço fechado com o mínimo de ruído. Na sequência, realizamos a segmentação e a organização das frases coletadas. Próximo passo, converter os arquivos, os *Textgrids*, para ler juntamente com o *Praat*. Os *Textgrids* foram divididos em 4 níveis, e estão organizados assim: No primeiro a frase; no segundo nível: a palavra, no terceiro nível: a transcrição da fricativa glotal e por último a tradução em português. Para a realização desta análise, fizemos uso da fonética experimental acústica. Utilizamos para tal tarefa os espectros gerados pelo software *PRAAT*, a partir dos dados selecionados.

Na análise dos quadros consonânticos expostos no capítulo 3, percebemos que a Fricativa Glotal surda [h], em algumas Línguas Guaranis dessa família, ora se faz presente ora ausente, caberia a seguinte pergunta? Como explicar sua incidência e ausência em algumas línguas que compartilham fenômenos linguísticos tão específicos entre si?

No entanto, nesta pesquisa, após os dados coletados, transcritos, descritos e analisados, a questão a ser discutida é qual seriam os possíveis comportamentos, em termos de vozeamento dessa consoante. Consideramos ainda duas questões na análise: a duração e a intensidade dessa consoante fricativa, em dois ambientes: o pré-vocálico e o intervocálico.

Primeiramente, para início de conversa, cabe tecer um breve comentário acerca da Teoria Acústica da Produção da Fala, também conhecida como Teoria Fonte-Filtro de Produção da Fala. Fonte aqui entendida como define Barbosa e Madureira (2015, p. 77): “fonte evocada aqui é uma fonte geradora de energia para a produção do som da fala”. Como podemos observar na leitura, a fonte aqui mencionada se trata da região da glote e dos lábios, essa é a fonte geradora da fala. O Filtro, como aponta Barbosa e Madureira (2015, p.82) ocorre quando “o som gerado pela fonte sonora é modificado ao passar pelo trato vocal. Essa modificação ocorre porque o trato age como corpo ressoador [...]”. Concluimos, então, que o trato vocal é o filtro e este é favorável a algumas frequências sonoras. Logo fonte seria a região da glote a dos lábios e o filtro seria o trato vocal.

No caso da Teoria Acústica aplicada às consoantes, sabemos que, para que se produza uma consoante, terá que haver um impedimento da corrente de ar: “para a produção de qualquer consoante há uma obstrução no trato oral na forma de uma constrição, ora gerando ruído (fricativas), ora impedindo momentaneamente a passagem de ar no trato oral (oclusivas e nasais), ora permitindo a saída lateral do som após

encontrar impedimento na parte frontal (laterais) ” (BARBOSA e MADUREIRA, 2015, p. 105).

As fricativas são produzidas por meio de uma constrição. Para esclarecer melhor temos as palavras de Kent e Read (2015, p.38): “a constrição funciona como um esguicho. O ar que sai de uma constrição com o condutor que forma um jato. Assim que o jato se mistura com o ar ao redor é gerada turbulência”. A característica apontada por Kent e Read (2015, p.263): “é uma constrição estreita mantida em algum ponto do trato vocal. Quando o ar passa através da constrição, em uma taxa de fluxo adequada, a condição de turbulência resulta. ”

A turbulência é um fenômeno que ocorre, conforme Barbosa e Madureira (2015, p.111), “por uma vibração com direção aleatória das moléculas de ar gerada quando essas passam por tubo estreito a uma determinada velocidade”. Sabemos que as consoantes fricativas glotais, vozeadas e não vozeadas, se caracterizam por se produzirem pelo estreitamento da passagem de ar pelos articuladores provocando fricção. Kent e Read (2015, p. 263) apontam que a turbulência é “a fonte de energia acústica para vários sons da fala, incluindo fricativas, a parte fricativa das africadas e a explosão das oclusivas. As flutuações aleatórias de pressão do campo turbulento geram som”.

2.4.2 Parâmetros físicos adotados para a análise acústica

Em relação aos parâmetros acústicos aqui utilizados para esta dissertação, nos interessa particularmente dois aspectos: a duração e a intensidade. Esses são alguns dos parâmetros de análise abordados por Ladefoged (1975), Barbosa (1999), Barbosa e Madureira (2015) e Madureira (1999).

Duração – *ms*

A duração é um parâmetro acústico (cf. MORAES, 1999; LADEFOGED, 1975; BARBOSA e MADUREIRA, 2015; KENT; READ, 2015). Para as análises que realizamos nos valem da medida do milissegundo *ms*, que equivale a 0,001 s, que corresponde a um segundo dividido por mil;

De acordo com Kent e Read:

O tempo é também uma importante dimensão a se considerar na gravação e na análise da fala. A resolução temporal mínima para propósitos gerais de análise é de 10 ms. Esta é a duração mais curta de importantes eventos da fala, como uma explosão transiente associada com a soltura de consoantes oclusivas. (2015, p. 31).

Como podemos observar, para as análises dos dados coletados, observamos que suas resoluções e logo as estruturas das falas, estão de acordo com a resolução temporária mínima para a análise. Cabe ressaltar que o parâmetro da duração de tempo da turbulência que possa ser detectada e analisada, nas palavras/ frases selecionadas, sendo que para esta pesquisa é de importância capital, pois estamos interessados na análise de dois aspectos acústico: a duração e a frequência, da fricativa glotal nos contextos pré-vocálico e intervocálico do Guarani Ñandéva mato-grossense-do-sul e analisar estes dois aspectos.

Frequência - Hz

A frequência é o número de vezes que um evento se repete por unidade de tempo. Procura mensurar a gravidade e agudeza do som, sendo a unidade de medida em Hertz (Hz) (SILVA, 2011).

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DESCRIÇÃO DA FRICATIVA GLOTTAL /h/ DO GUARANI MATO-GROSSENSE-DO-SUL.

3.1 Introdução

Neste capítulo apresentamos os espectrogramas, a imagem do som, dos dados coletados e prosseguimos com a análise. A questão a ser discutida foi qual seriam os possíveis comportamentos da fricativa glotal em ambiente pré-vocálico e intervocálico, no que se refere aos fenômenos físicos de duração e intensidade. Após a transcrição das frases, o segundo passo foi sua transcrição fonética, depois realizamos a segmentação dos sons e, por último, passamos a interpretação dos dados que analisamos.

As fricativas se distinguem conforme Kent e Read (2015, p.263 / 264):

As fricativas não são a única classe de sons envolvendo geração de ruído. Entretanto comparada às oclusivas e africadas, as fricativas possuem duração relativamente longas de ruído, e esse intervalo extenso de energia aperiódica que distingue fricativas como classe de som. (KENT e READ, 2015, p.263 / 264).

3.2 Análise de aspectos acústicos das realizações da fricativa glotal

Para as análises dos aspectos acústicos, selecionamos 09 frases da lista elaboradas para a coleta dos dados, no contexto intervocálico, que é caracterizado por apresentar a construção: vogal + consoante + vogal (VCV), temos a vogal que antecede a consoante e a vogal que está após a consoante. Nosso objetivo nesta análise é tentar perceber, através dos espectrogramas, a duração da fricativa glotal e verificar o seu grau de vozeamento nesse ambiente.

No contexto pré-vocálico, que é caracterizado por apresentar a construção: consoante + vogal (CV), temos a consoante que antecede a vogal. Nosso objetivo aqui é analisar a *duração* e a *intensidade* da fricativa Glotal nesse contexto. Selecionamos 08 frases.

Apresentamos as frases selecionadas com suas respectivas descrições fonéticas, o espectro da frase e do fonema específico para a análise acústica.

Frases com a fricativa glotal /h/ em ambientes intervocálicos (VCV).

Frase 01 – Kuarahy oike *outro lado*

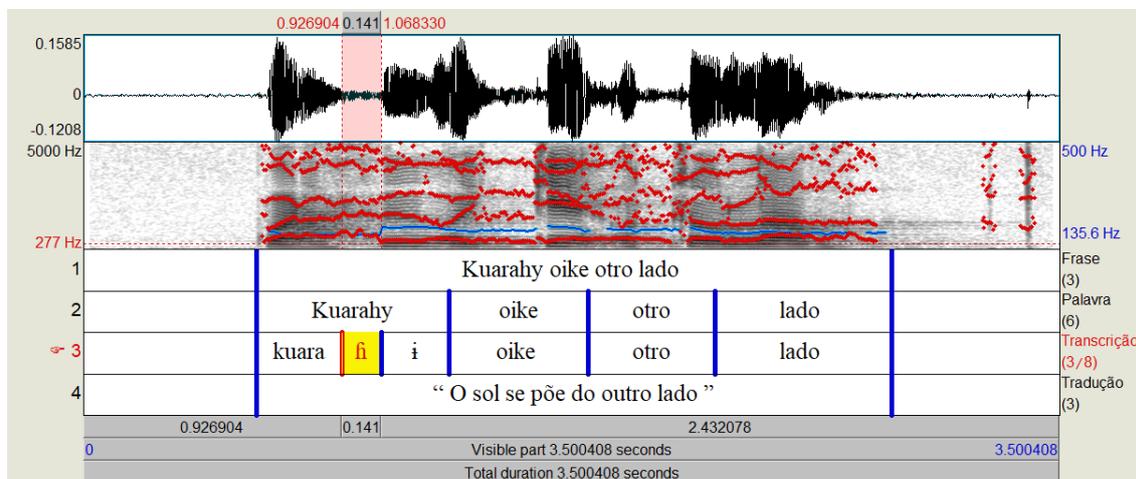


Figura 2 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *Kuarahy oike outro lado*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

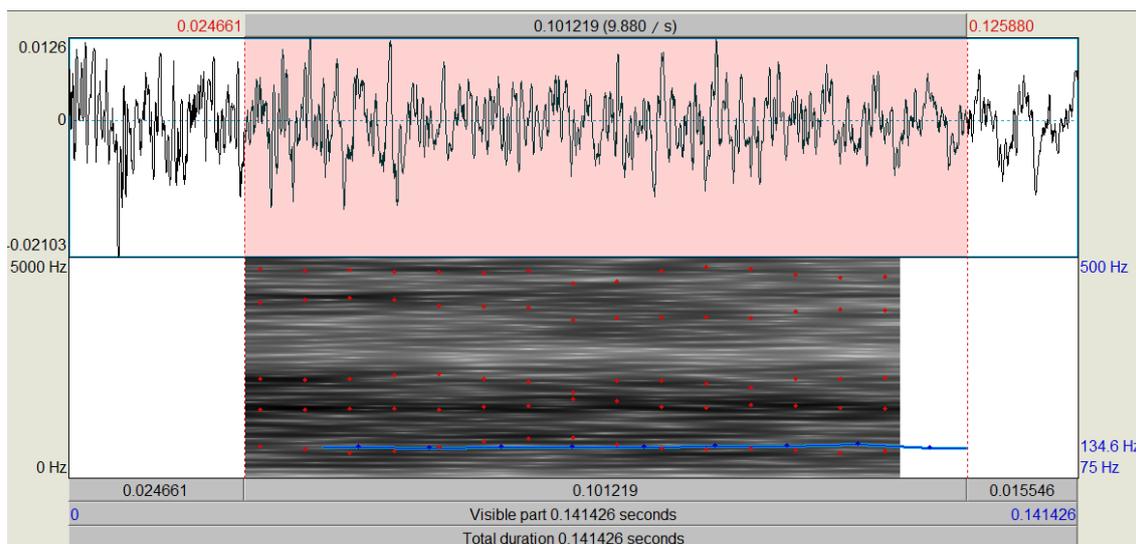


Figura 3 – Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 02, a duração da fricativa glotal, é de duração de 0.101 m/s, com uma faixa de frequência de 134,6 Hz, a presença da faixa azul que acompanha o formante F1 permite visualizar traços claros do jato sonoro. Com isso podemos assegurar que ocorre uma turbulência na glote, passando pelo trato vocal até serem expelidas pela explosão da fricativa, neste caso específico trata-se de uma fricativa glotal vozeada [h] em contexto intervocálico.

Frase 02 - Kuarahy oike ventana

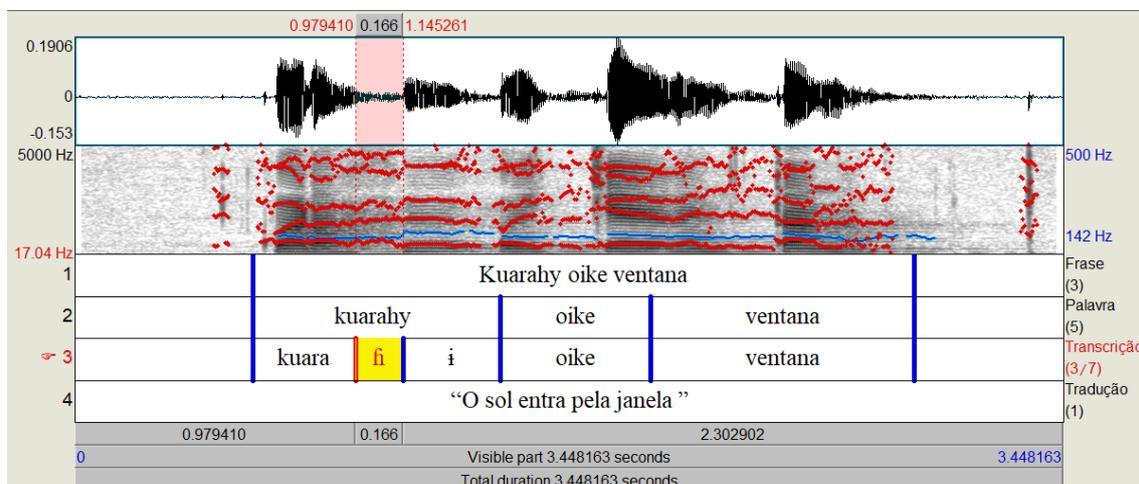


Figura 4 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *Kuarahy oike ventana*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração da fricativa glotal [h].

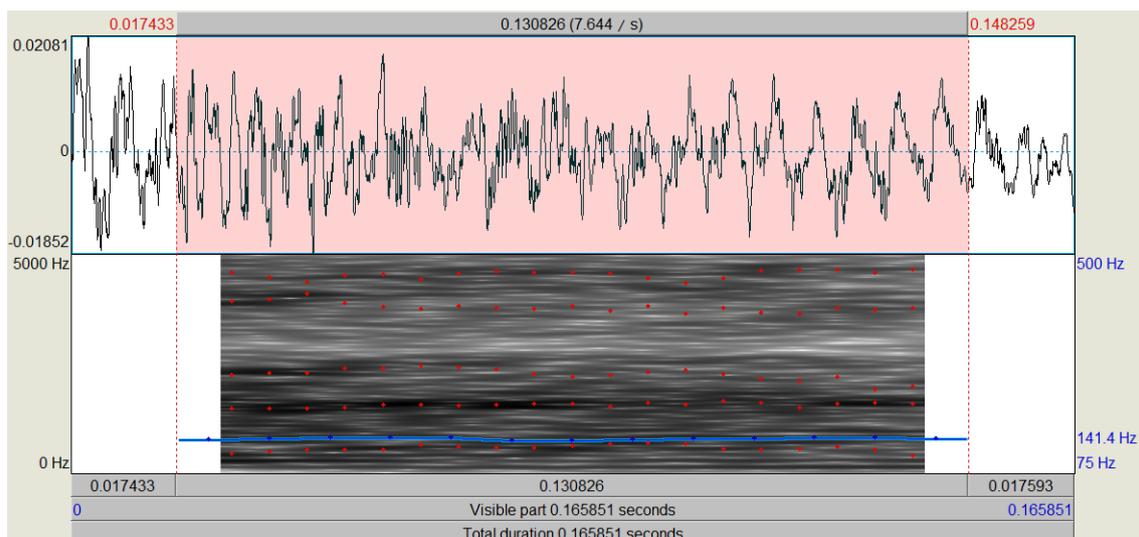


Figura 5 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 04, a duração da fricativa glotal é de 0.130 m/s com uma frequência de 141,4 Hz. Na análise observamos uma faixa azul que vêm acompanhando o formante do F1, e permanece estática a frequência de 141,4 Hz. A faixa azul indica a alteração, através dela podemos observar uma continuidade do som da fricativa glotal, que ocorre através da perturbação da frequência, demonstrando a existência da fricativa glotal vozeada [h], um alofone de /h/.

Frase 03 - Jasy pyahu

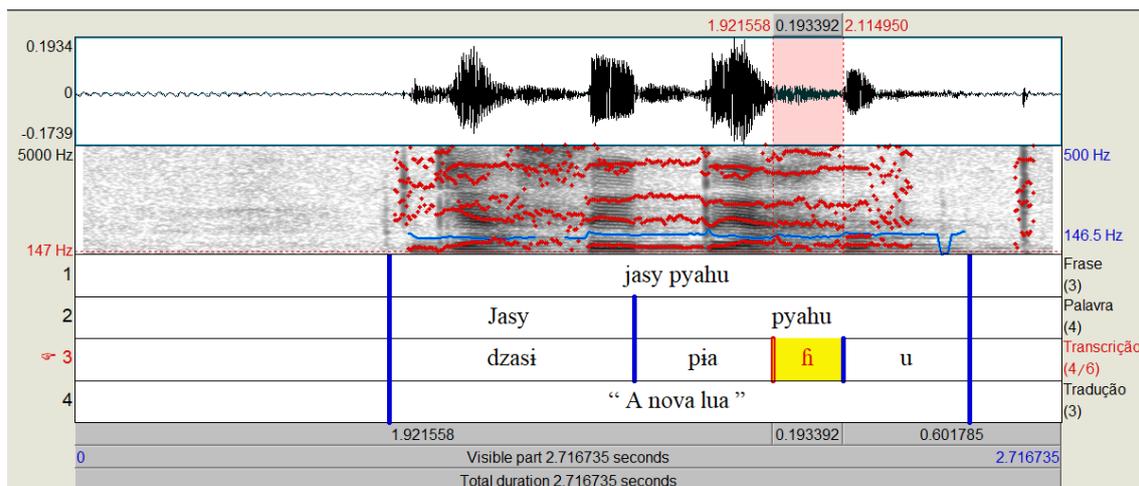


Figura 6 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *jasy pyahu*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [fi].

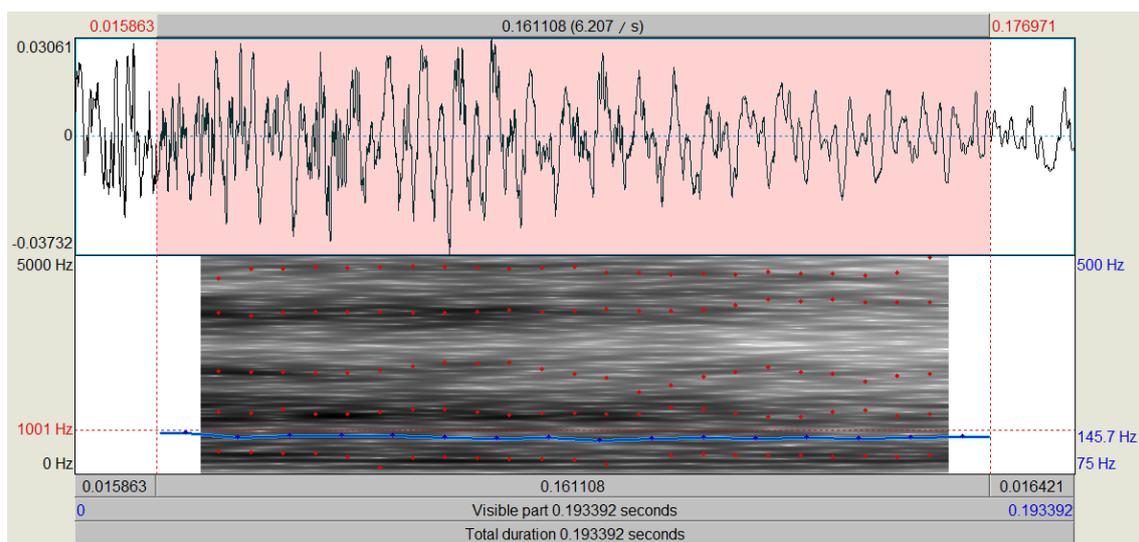


Figura 7 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [fi].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 06, a duração de fricativa glotal é de 0.161 m/s, com uma frequência de 145,7 Hz. A faixa de frequência azul, que está entre os formantes F1 e F2 nos permite observar o vozeamento na produção do som. Trata-se, portanto, da fricativa glotal vozeada [fi].

Frase 04 - Ára mbyja renyhë

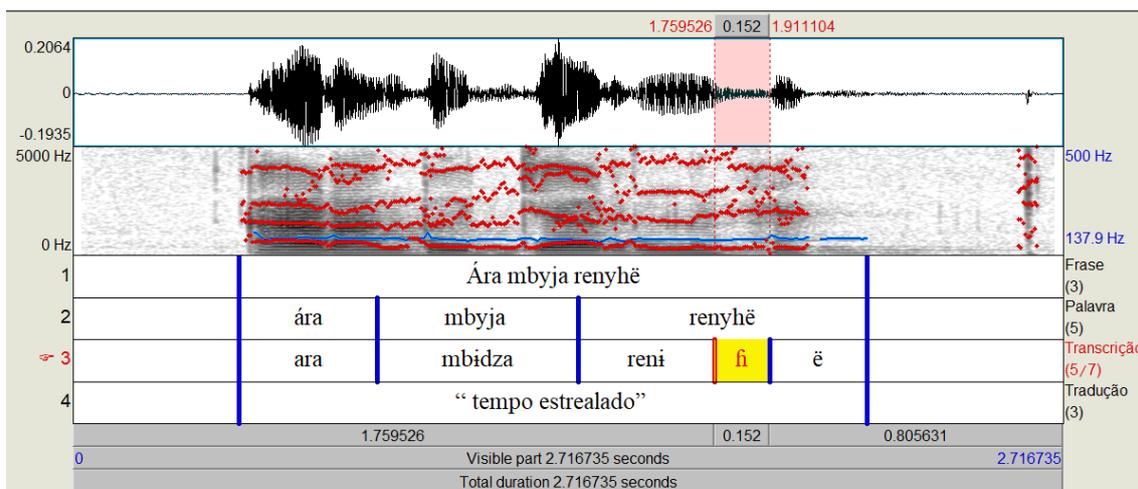


Figura 8 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ára mbyja renyhë*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

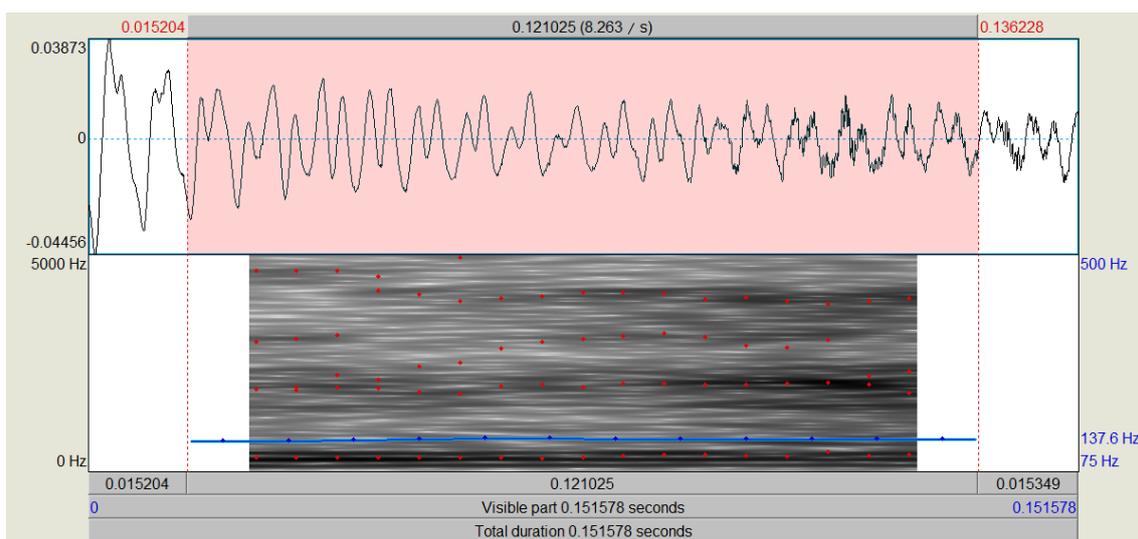


Figura 09 - Espectrograma em forma de onda de banda larga do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 08, a duração da fricativa glotal é de 0.121 m/s com uma frequência de 137,6 Hz., ao observar o espectrograma, notamos uma faixa de frequência azul que indica o vozeamento nesse contexto.

Frase 05 – Ára opaha

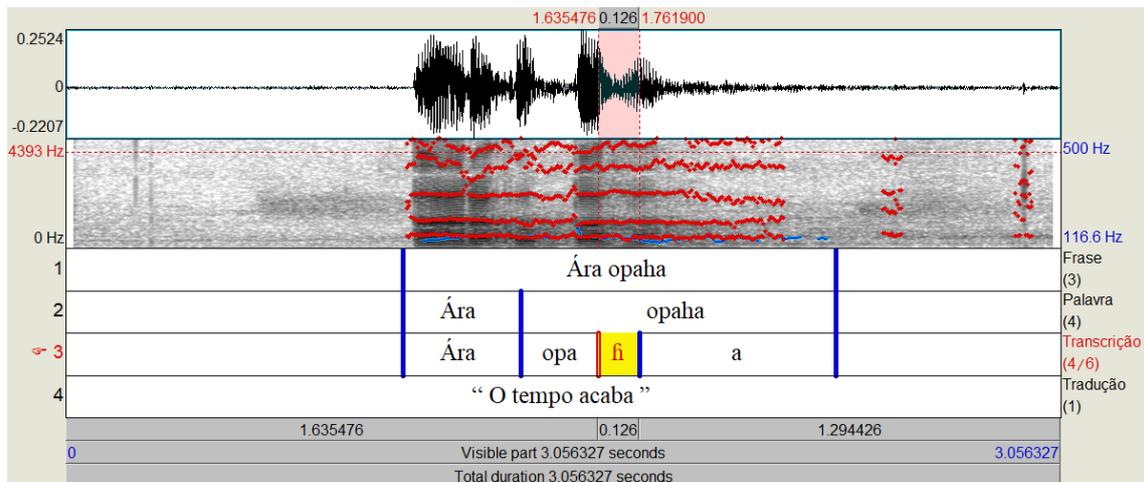


Figura 10 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ára opaha*, destacou-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

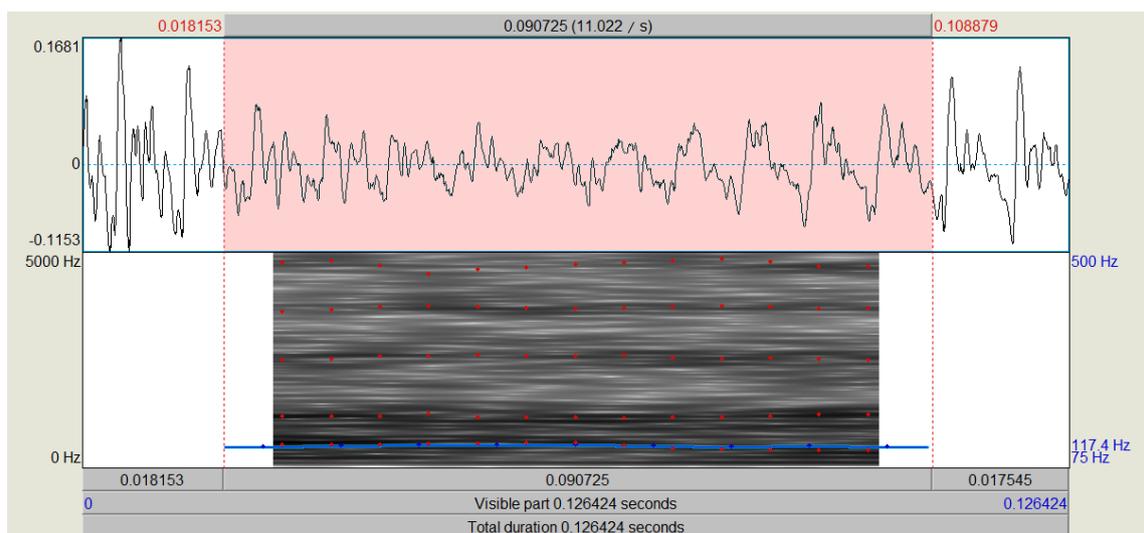


Figura 11 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 10, a duração da fricativa glotal é de 0.090 m/s com uma frequência de 117,4 Hz. Observamos que a faixa azul está quase paralela ao F1. Podemos identificar a perturbação sonora que ocorre nesse caso, ocorre assim a identificação de uma fricativa glotal vozeada [h].

Frase 06 - Pyhare ñepyrü

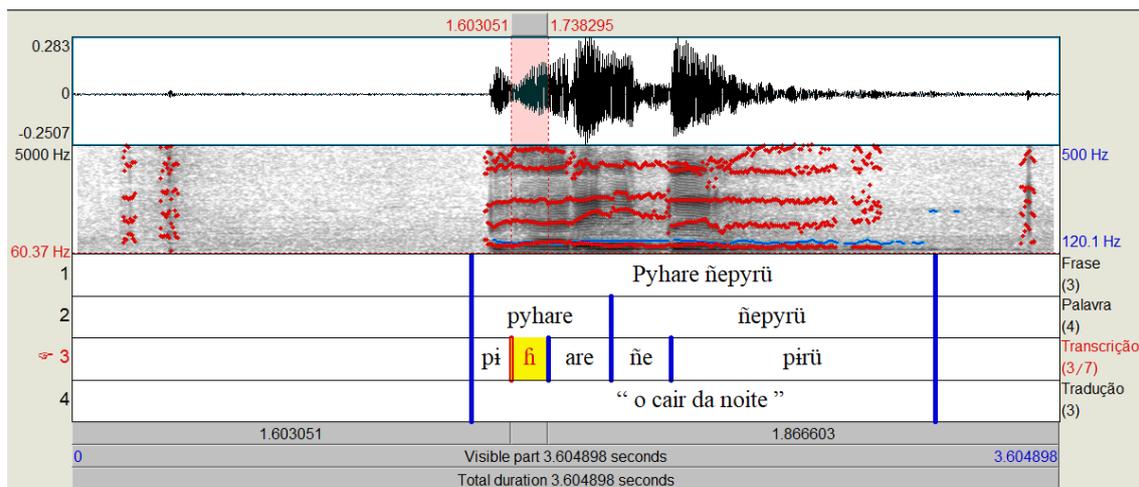


Figura 12 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *pyhare ñepyrü*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h̃].

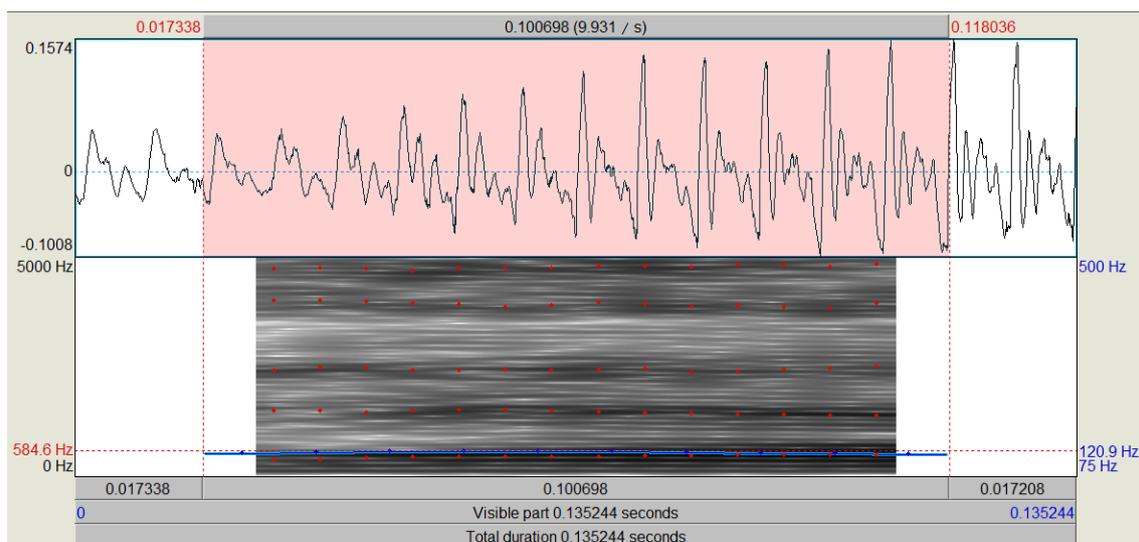


Figura 13 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h̃].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 12, a duração da fricativa glotal é de 0.100 ms com uma frequência de 120,9 Hz. A faixa azul de frequência que acusa a turbulência neste espaço está acompanhando o F1, ocorre o estreitamento e consequentemente a turbulência do ar causada pela glote. Com isso identificamos a fricativa glotal sonora [h̃].

Frase 07 - Yvyra pyahu

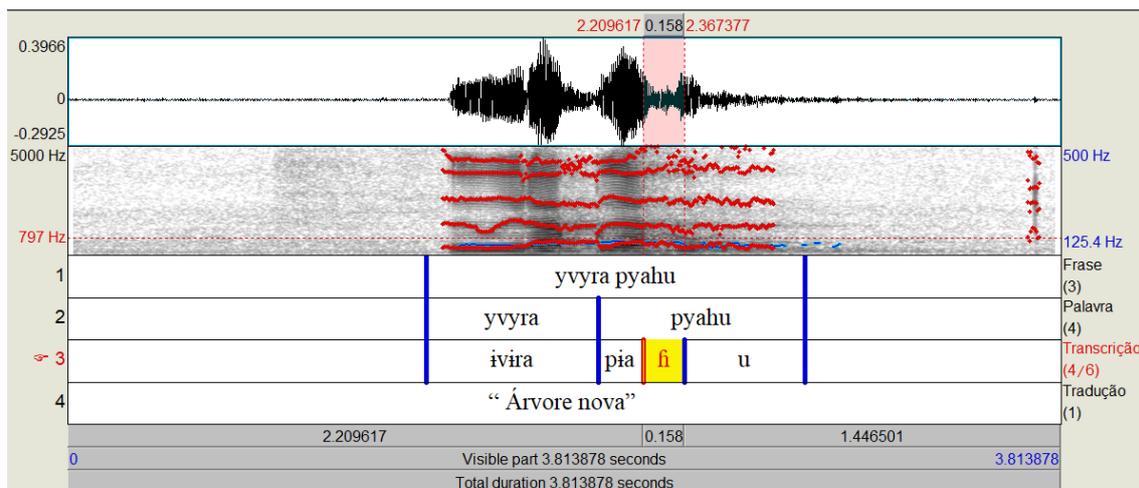


Figura 14 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *yvyra pyahu*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

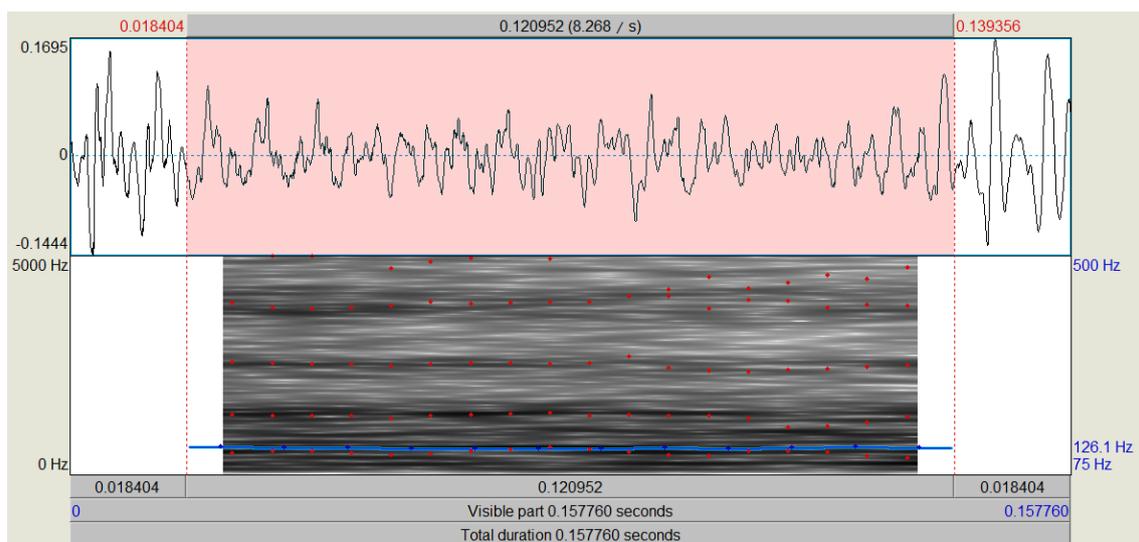


Figura 15 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 14, a duração da fricativa glotal é de 0.120 ms, com uma frequência de 126,1 Hz. Observamos que a faixa azul de frequência da fricativa glotal acompanha o F1, fica demonstrado uma perturbação sonora, com isso identificamos a fricativa glotal sonora [h].

Frase 08 - Kokue pyahu

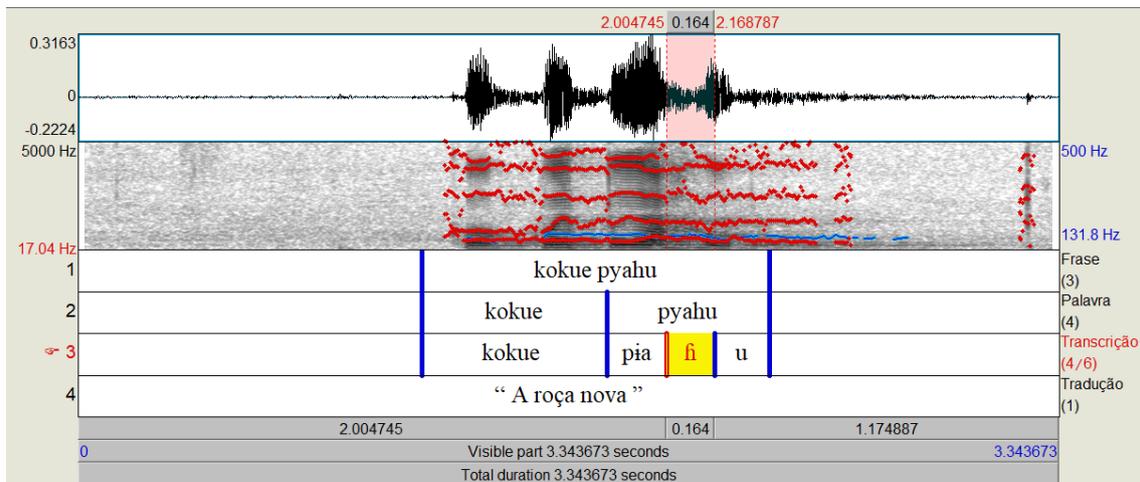


Figura 16 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *kokue pyahu*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

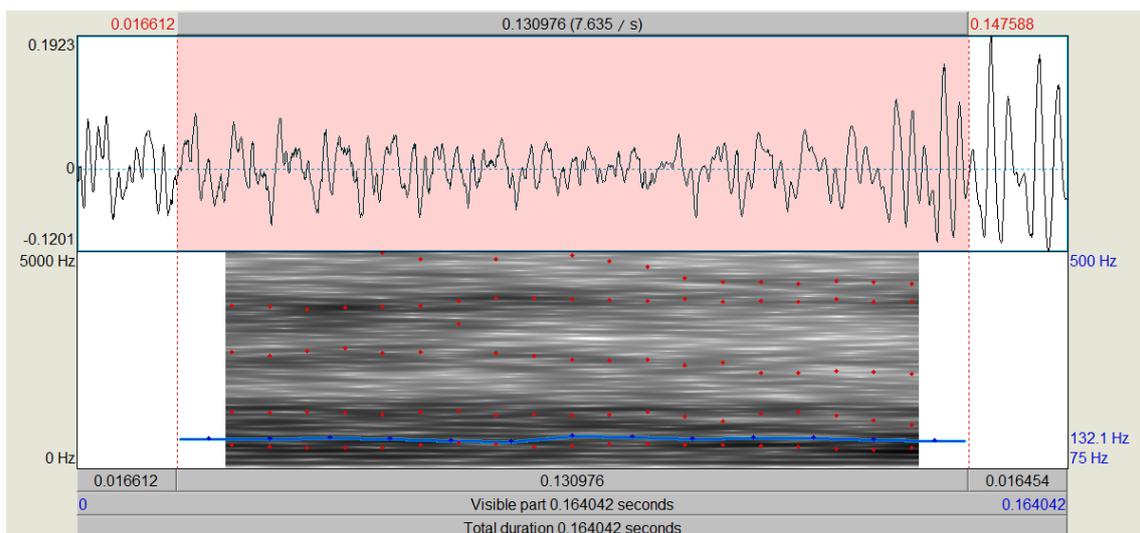


Figura 17 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 16, a duração da fricativa glotal / h / é de 0.130 ms com uma frequência de 132,1 Hz. Observamos a faixa de frequência azul, característica de sons vozeados. Desse modo, identificamos a fricativa glotal sonora [h] nesse ambiente.

Frases com a fricativa glotal em ambiente pré-vocálico (CV).

Frase 09 - Hesakã hovy

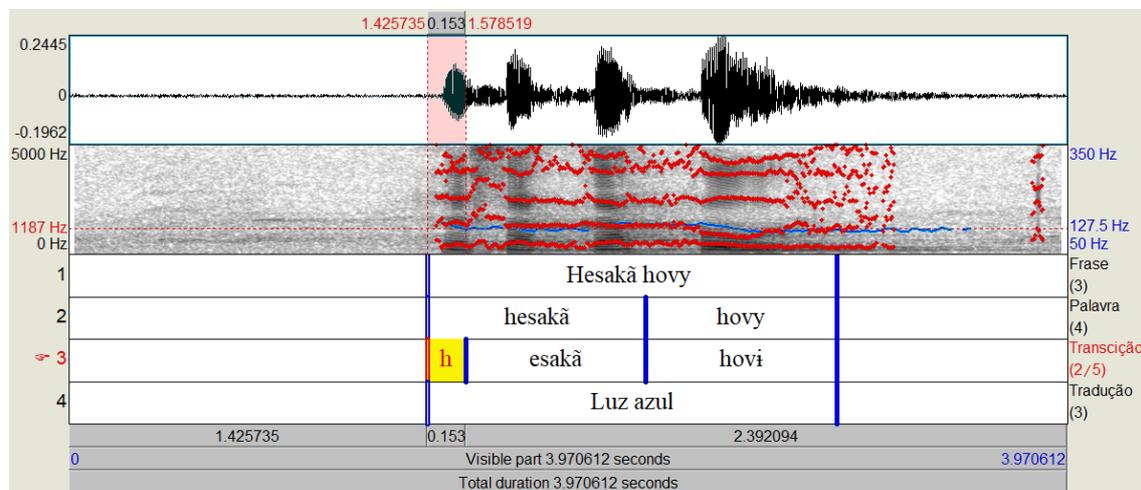


Figura 18 - Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hesakã hovy*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

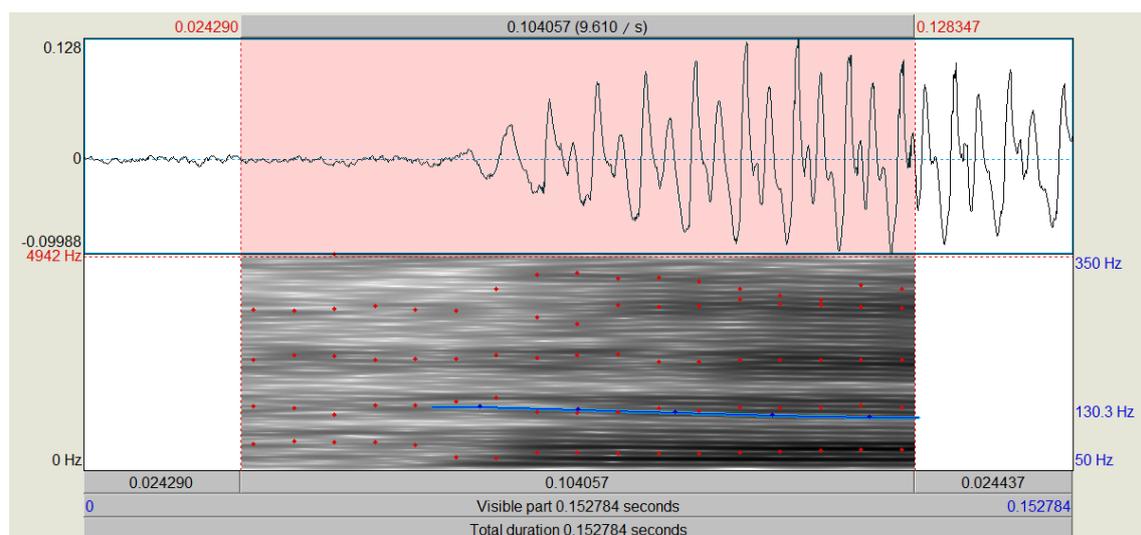


Figura 19 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /.

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 16, a duração de fricativa glotal é de 0.104 ms com uma frequência de 130,3 Hz. A faixa azul indica o vozeamento do som. Com isso, se nota que o instante inicial da fricativa é desvozeado e que sua combinação com a vogal que a precede altera o estado inicial da produção.

Frase 10 – Ha'yta yguypéve

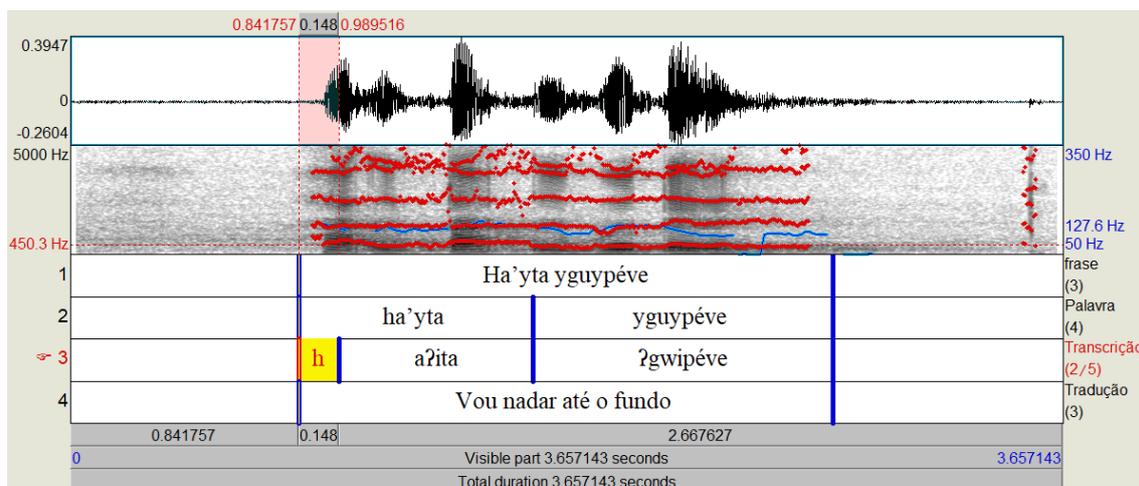


Figura 20 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *ha'yta yguypéve*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

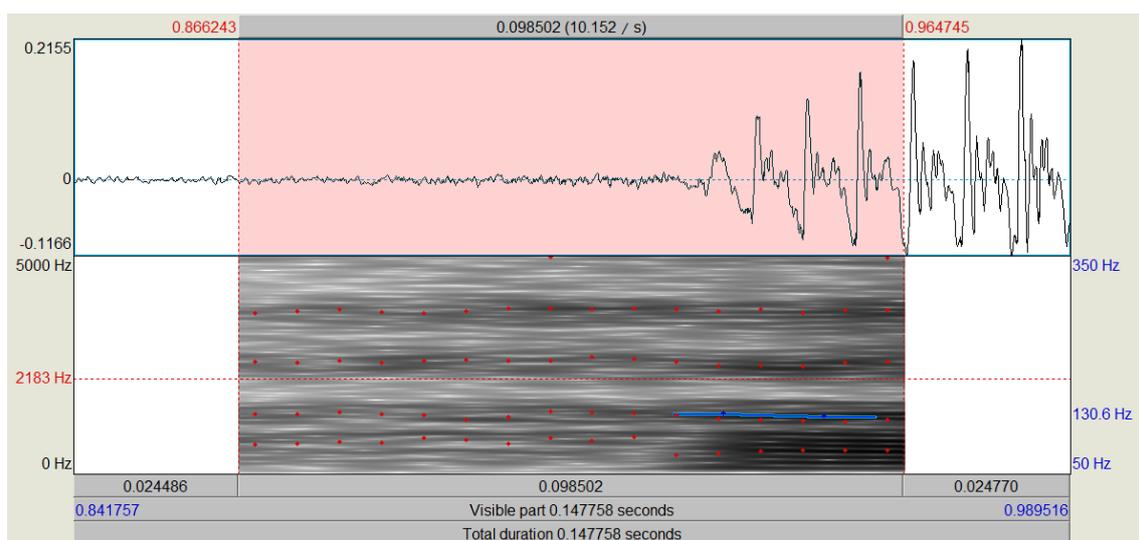


Figura 21 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema /h/.

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 18, a duração de fricativa glotal é de 0.098 ms com uma frequência final de 130,6 Hz. A faixa azul, que indica a frequência, ocorre apenas no instante final da produção da consoante, ou seja, sua produção inicial, antes de silêncio, é desvozeada.

Frase 11 – Hesakã sa'yju

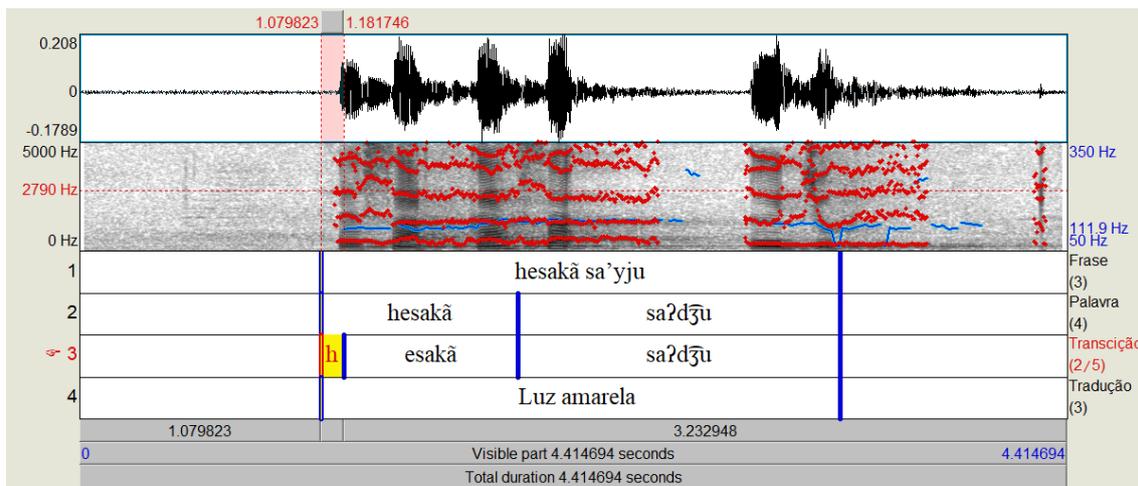


Figura 22 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hesakã sa'yju*, destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/.

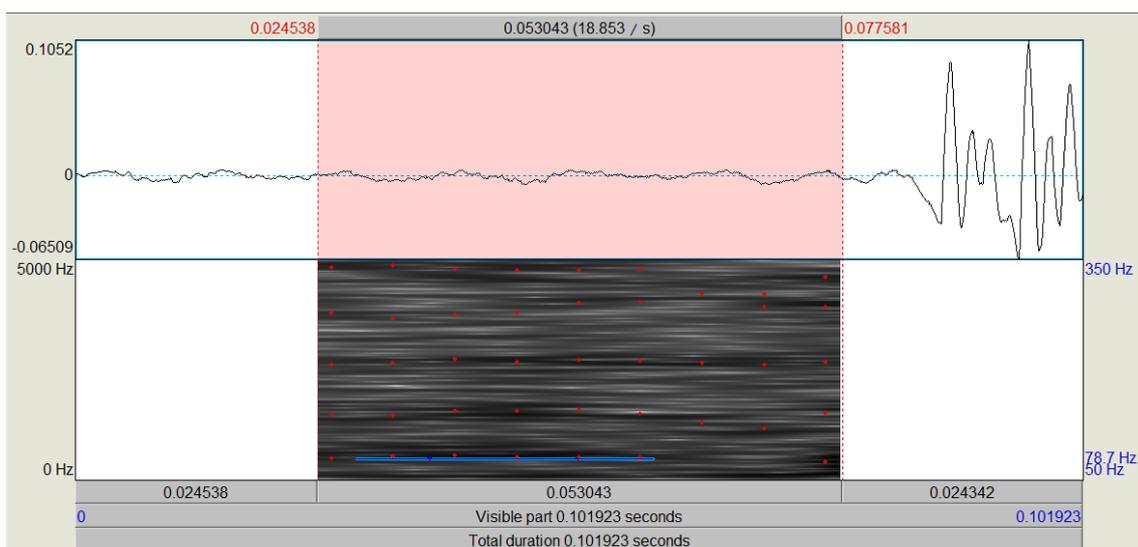


Figura 23 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema /h/.

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 20, a duração da fricativa glotal é de 0.053 ms com uma frequência de 78,7 Hz.

Frase 12 – Hogue tuicha

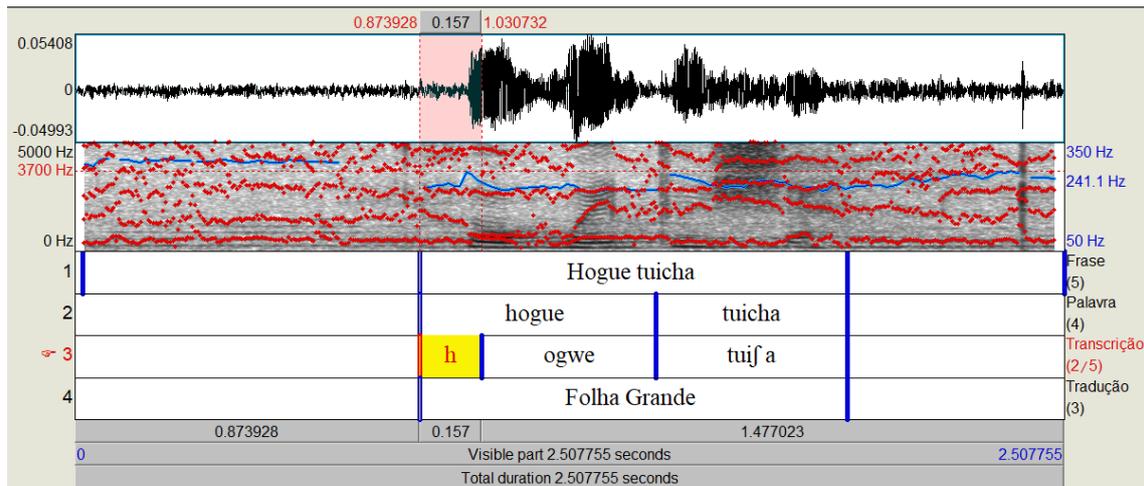


Figura 24 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hogue tuicha* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

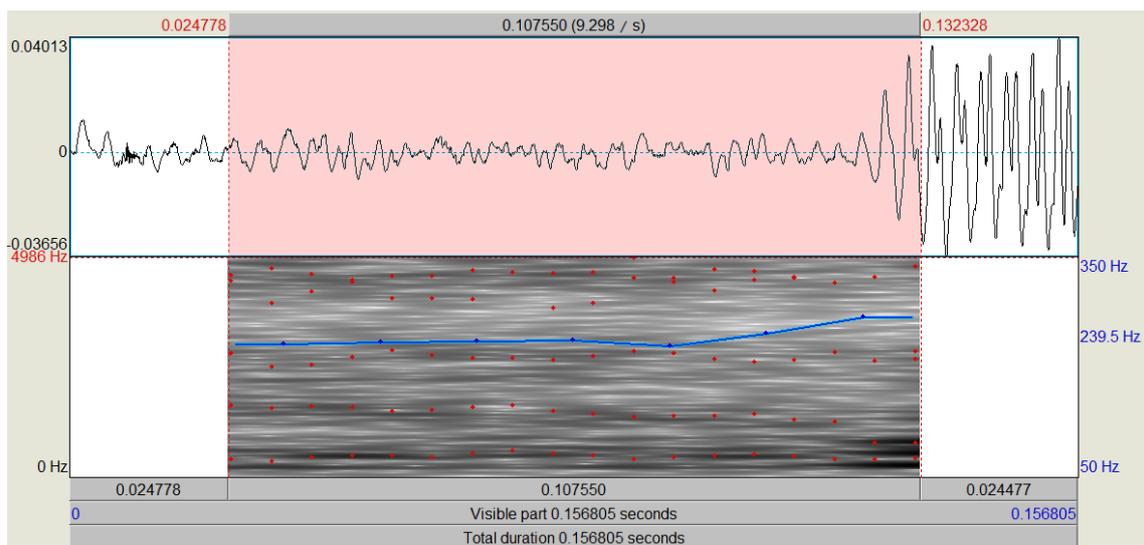


Figura 25 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fone [h].

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 22, a duração da fricativa glotal é de 0.107 ms com uma frequência de 239,5 Hz. Pela presença da faixa de frequência azul, ao longo da produção da consoante, nota-se seu um vozeamento ocasionado pela vogal que a sucede.

Frase 13 – Hakã michi

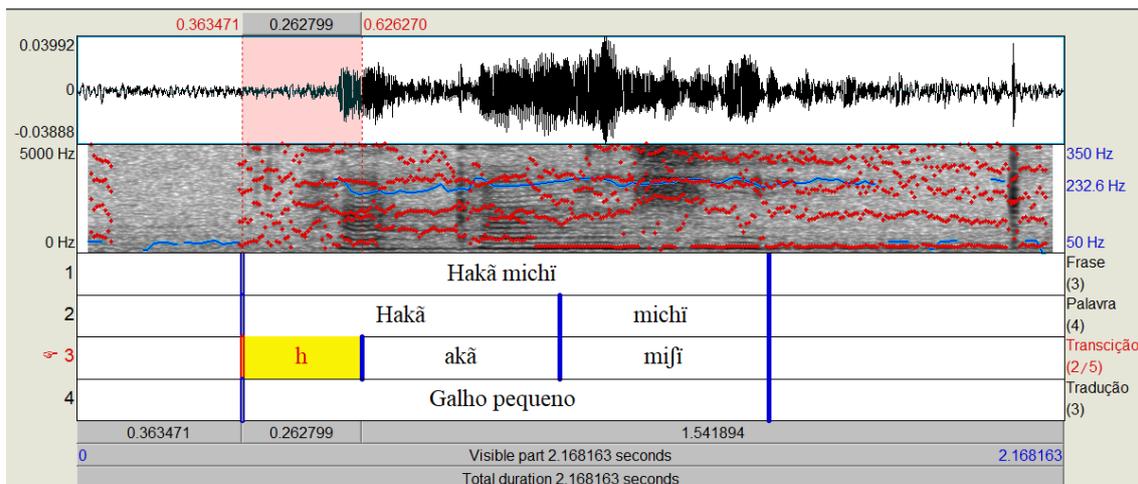


Figura 26 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hakã michi* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal /h/.

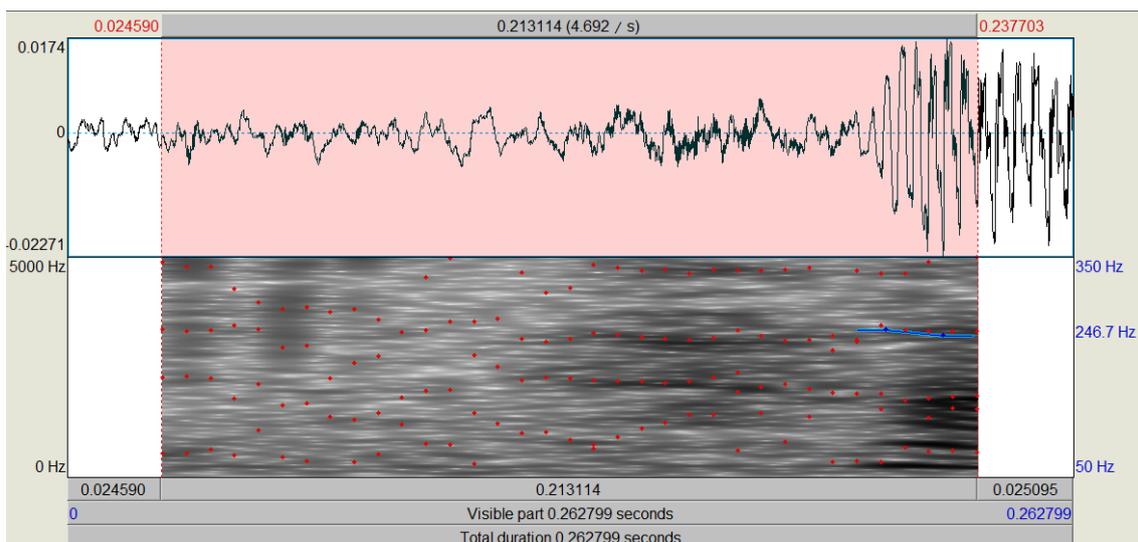


Figura 27 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema /h/.

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 24, a duração de fricativa glotal é de 0,213 ms com uma frequência de 246,7 Hz. Nessa situação, nota-se que não há vibração das cordas vocais na sua produção, estando, portanto, ausente o traço de vozeamento na consoante nesse ambiente.

Frase 14 – Hendy sa'yju

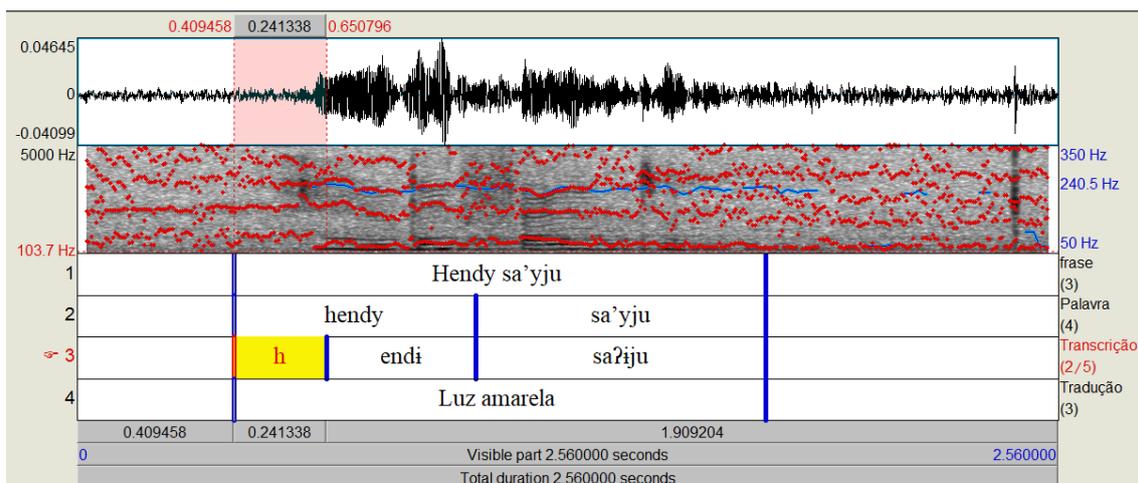


Figura 28 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hendy sa'yju* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

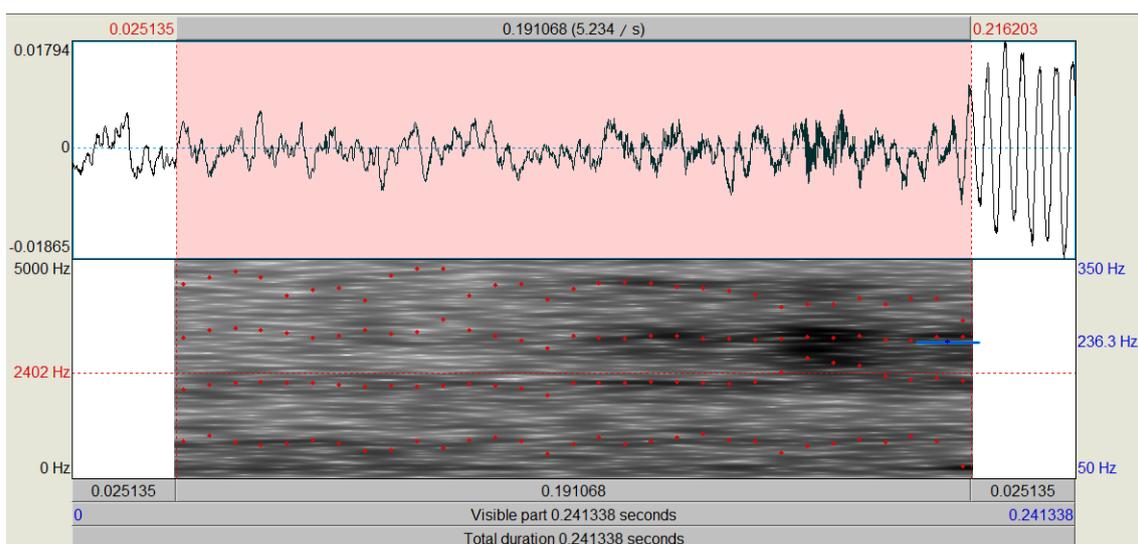


Figura 29 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /.

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 25, a duração de fricativa glotal é de 0,191ms com uma frequência de 236,3 Hz. Nesse ambiente, nota-se que a consoante tende a ser desvozeada, o que pode ser verificado com a ausência de continuidade da faixa azul.

Frase 15 - Hogue okái

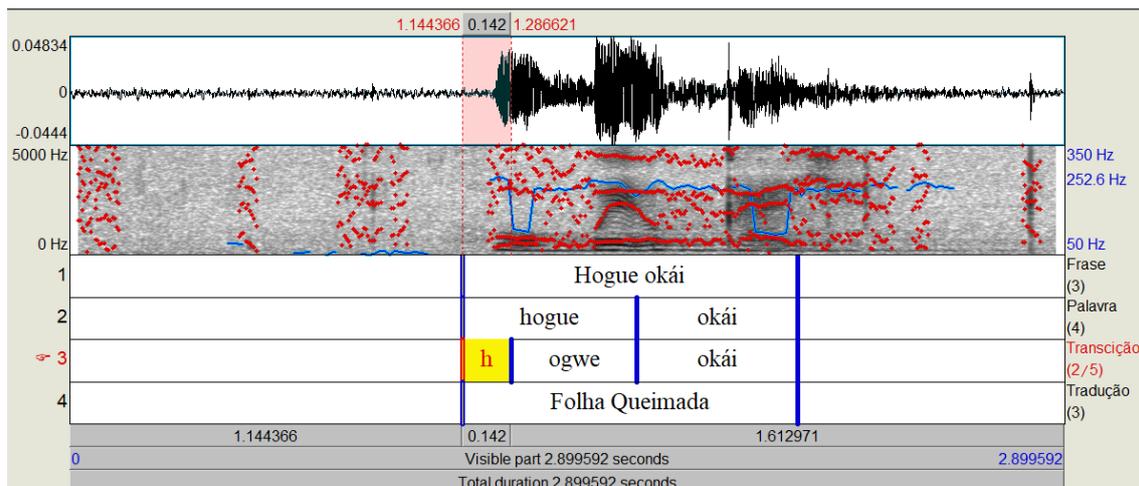


Figura 30 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hogue okái* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

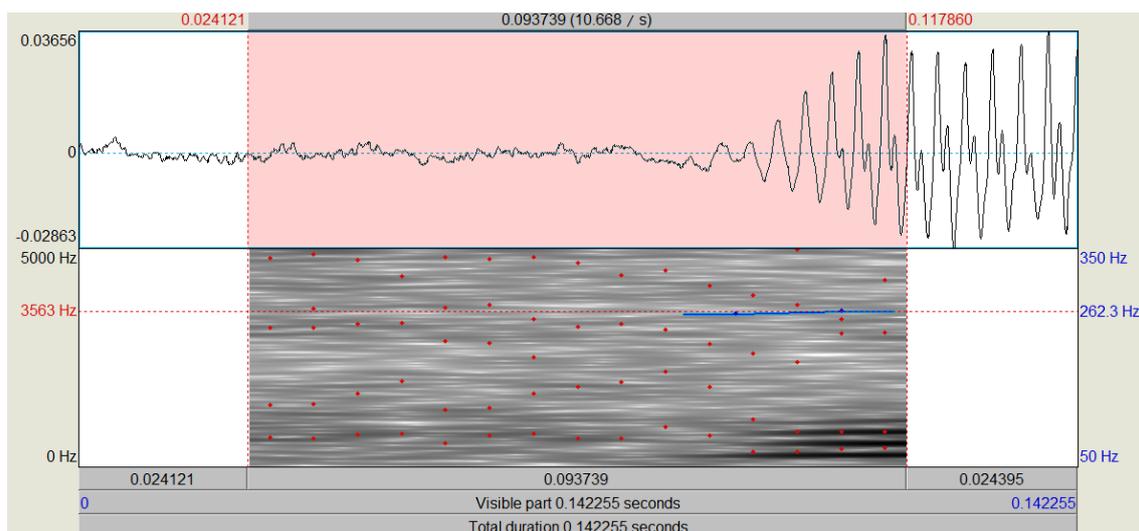


Figura 31 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do [h]

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 27, a duração de fricativa glotal é de 0,093ms com uma frequência final de 262,3 Hz. Observamos que a faixa azul de frequência ocorre apenas na parte final da consoante, ao combinar-se com a vogal que a sucede.

Frase 16 – Hakã opë

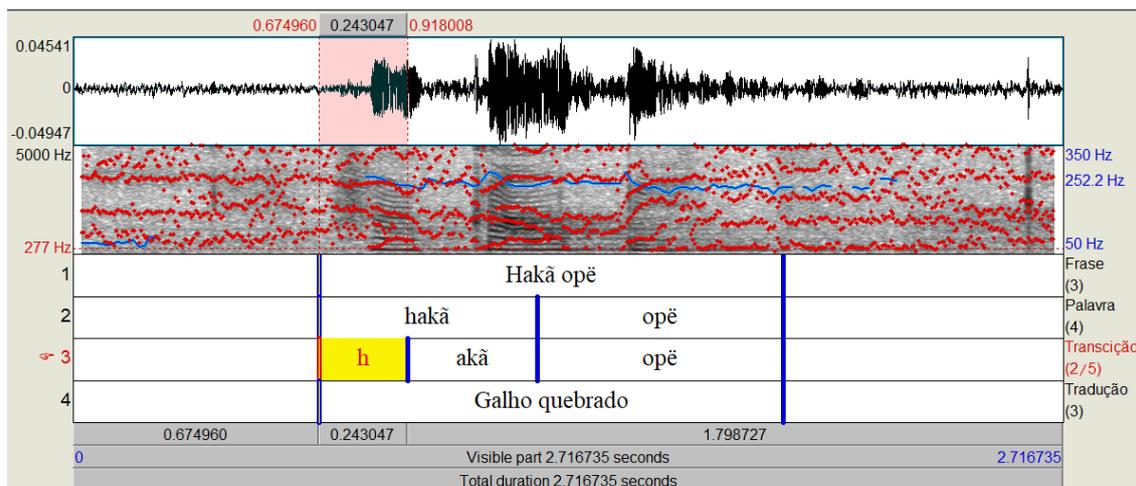


Figura 32 – Espectrograma e forma de onda de banda larga da palavra *hakã opë* destaca-se em coloração rosa o tempo de duração e em amarelo a representação da fricativa glotal [h].

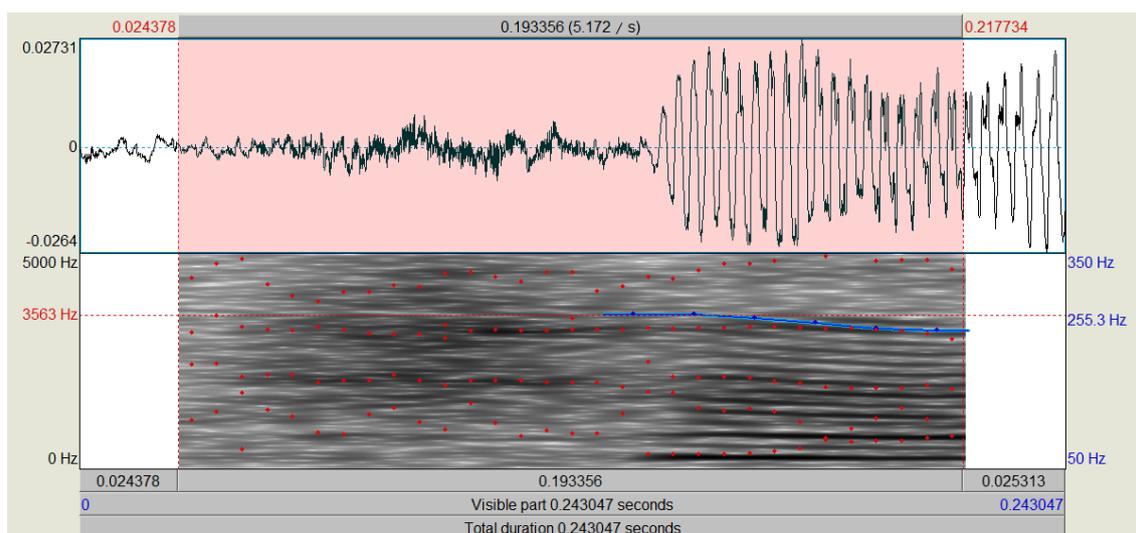


Figura 33 - Espectrograma em forma de onda de banda largas do fonema / h /.

Como podemos observar no gráfico extraído da imagem 28, a duração de fricativa glotal *h* é de 0,193 ms com uma frequência final de 255,3 Hz. Novamente, verifica-se que o início deste segmento é desvozeado e gradativamente torna-se vozeado, devido à presença da vogal que o sucede.

ANÁLISE DOS DADOS

Com as análises dos dados, que obtemos através da fonética acústica experimental montamos a seguinte tabela com os dados que foram selecionados e analisados.

Quadro 11 de medidas de fenômenos acústicos intervocálicos.

Palavra	Fone	Duração	Frequência
Figura 1 kuarahy	/ h̥ /	0.101 ms	134,6 Hz
Figura 2 Kuarahy	/ h̥ /	0.130 ms	141,6 Hz
Figura 3 Pyahu	/ h̥ /	0.161 ms	145,7 Hz
Figura 4 renyhë	/ h̥ /	0.121 ms	137,6 Hz
Figura 5 Opaha	/ h̥ /	0,90 ms	117,4 Hz
Figura 6 pyhare	/ h̥ /	0.100 ms	120,9 Hz
Figura 7 pyahu	/ h̥ /	0.120 ms	126,1 Hz
Figura 8 Pyahu	/ h̥ /	0.130 ms	132,1 Hz

Importante observar que, em contexto intervocálico, a fricativa glotal é vozeada e sua frequência varia entre 117 a 145 Hz. Interessante notar que os dados foram coletados com a consoante em sílaba tônica, com exceção para *pyhare*. Isso pode sugerir que o fato de estar em sílaba tônica não determina o valor mais alto da frequência. Vemos que em *opaha*, ele se encontra em sílaba tônica, mas a frequência é a menor dos dados, cerca de 117,4 Hz, menor que do que em *pyhare*, em que se encontra em uma sílaba pretônica.

Quadro 12 medidas dos fenômenos acústicos pré-vocálicos

Palavra	Fonema	Duração	Frequência
Figura 9 hesakã	/ h /	0.104ms	130,3Hz
Figura 10 ha'yta	/ h /	0.098 ms	130,6 Hz
Figura 11 hesakã	/ h /	0.053 ms	78,7 Hz
Figura 12 hogue	/ h /	0.107 ms	239,5 Hz
Figura 13 hakã	/ h /	0.213 ms	246,7 Hz
Figura 14 hendy	/ h /	0.191 ms	236,3 Hz
Figura 15 hogue	/ h /	0,093 ms	262,3 Hz
Figura 16 hakã	/ h /	0.193 ms	255,3 Hz

Constatamos que em contexto pré-vocálico, a fricativa glotal tende a ser surda e sua frequência varia entre 78,7 Hz a 262,3 Hz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho que realizamos de forma exploratória, utilizando os métodos e técnicas da Fonética Acústica Exploratória, tendo como objetivo detectar as possibilidades de realizações sonoras que ainda não foram pesquisadas, realizamos uma coleta de dados através de uma lista de frases que solicitamos sua tradução para a língua indígena Guarani Ñandéva. Munidos dos dados passamos a interpretá-los, analisá-los e descrever os fenômenos acústicos. Os dados coletados farão parte de um banco de dados para futuras pesquisas da Língua Guarani Ñandéva.

Percebemos que o “Guarani” (uso aspas para enfatizar o grande número de línguas que compõe essa palavra), é uma língua estudada há cerca de mais de três séculos e é marcada profundamente pela variação e mudança, que foi percebida logo de início pelos primeiros exploradores que vieram do além-mar, pelo elevado número de trabalhos acadêmicos e entre outros gêneros literários escritos.

Com o uso de técnicas e métodos da fonética acústica exploratória, aliado ao uso do *PRAAT*, encontramos a realização sonora que ainda não havia sido registrada para essa língua, a fricativa Glotal sonora [ɦ], alofone do fonema /h/ em ambiente intervocálico. Através das análises dos espectrogramas podemos observar os fenômenos acústicos que envolvem a produção das fricativas glotais (vozeada e desvozeada).

No ambiente intervocálico ocorre a forma sonora, pois é importante observar que em contexto intervocálico, a fricativa glotal é vozeada e sua frequência varia entre 117 Hz a 145 Hz. Cabe mencionar que os dados foram coletados com a consoante em sílaba tônica, isso pode sugerir que o fato de estar em sílaba tônica não determina o valor mais alto da frequência

Na análise da fricativa glotal, reconhecemos, portanto, dois alofones do fonema /h/: a existência da forma surda [h] e a forma sonora [ɦ]. Constatamos que, em contexto pré-vocálico, a fricativa glotal é surda tem uma frequência que varia entre 78,7 Hz a 262,3 Hz. Os dados coletados têm a consoante em sílaba átona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Cecy Fernandes de. *Ñe'ëryru: Avañe'ë-Portuge/ Portuge-Avañe'ë. Dicionário guarani/Português- Português-Guarani*, Cecy Fernandes de Assis. São Paulo: Cecy Fernandes de Assis. Edição Própria, 2008.

ALVES, André L.A. **As características acústicas da vogal [i] do Guarani Nhandeva com uso do PRAAT**, Dissertação de mestrado. Dourados-MS: UFGD,2019.

BARROS, E. B. L. de. **Dicionário bilíngue Kaiwá-Português**. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas-MS: UFMS, 2014.

BRIDGEMAN, L. I. **A note on stress in Kaiwá**. Arquivo Linguístico no 225. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic, 1960.

_____. **Kaiwa (Guarani) phonology**. International Journal of American Linguistics, 27, 1961, p. 329-334.

_____. **O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistics, 1981.

_____. **Dicas sobre a língua Kaiwá**. Sociedade Internacional de Linguística – SIL, 2001.

BARBOSA, Rozileide. **Análise morfológica da Língua Kaiowá fundamentos para uma Gramática e Dicionário Bilingue**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Brasília, UNB, Brasília-DF.

BARBOSA, Plínio Almeida; MADUREIRA, Sandra. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BARZOTO, V.H. **Nem respeitar, nem valorizar, nem adequar as variedades linguísticas**. Ecos Revista, Cáceres, v.2, p. 93-96, 2004.

BRIDGEMAN, L. I. **A note on stress in Kaiwá**. Arquivo Linguístico no 225. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic, 1960.

_____. **Kaiwa (Guarani) phonology**. International Journal of American Linguistics, 27, 1961, p. 329-334.

_____. **O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistics, 1981.

_____. **Dicas sobre a língua Kaiwá**. Sociedade Internacional de Linguística – SIL, 2001.

BORVÃO, Delfino. **Neologismo da Língua Guarani usados no Cone Sul de MS**. FAIND. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso, 1904-1970. **Introdução às línguas indígenas brasileiras** / J. Mattoso Câmara Jr. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. (Linguística e Filologia).

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Problemas de Linguística descritiva**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

CÁCERES, Maciel V. **O empréstimo linguístico na Aldeia Porto Lindo**. FAIND. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

CHAMORRO, Graciela; Combes, Isabela (orgs). **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

CARDOSO, V. F. **Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani**. Dissertação (Mestre), Centro Universitário de Três Lagoas, UFMS, Três Lagoas –MS, p. 115, 2001.

_____. Categorias sintagmáticas lexicais da língua Kaiowá/Guarani. In: Baronas, R. L. **Identidade Cultura e Linguagem**. Cáceres, MT: Unemat Editora; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005a.

_____. Estudo Preliminar da Morfossintaxe verbal da língua Kaiowá/Guarani. In: **Grupos de Estudos Lingüísticos (GEL)**, 2005b. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estudo-preliminar-da-morfossintaxe-1216.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2019).

_____. Marcadores de pessoa em Kaiowá/Guarani. In: **Revista Ave Palavra**, edição nº 9, julho de 2006. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/09/artigos/CARDOSO.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2019.

_____. Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasalização e/ou oralização. In: **Caderno de Qualificações**. IEL – UNICAMP (aceito para publicação em 06/11/2007).

_____. **Aspectos morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP: [s.n.], 2008a.

_____. Negação em Kaiowá. In: **Revista Ave Palavra**, edição nº 10, dezembro de 2008b. Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/10/artigos/CARDOSO.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2019.

_____. Gramática Kaiowá: estratégias de marcação de caso. In: Dercir Pedro de Oliveira. (Org.). **Estudos linguísticos-gramática e variação**. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2011, v. 1, p. 75-90.

_____. **Descrição gramatical do Kaiowá (Guarani):** pontos essenciais. Editora (Reino Unido e Alemanha), Novas Edições Acadêmicas, 2015.

CASTELÃO, Renata. **Uma discussão sobre o uso da ortografia por estudantes e professores da Aldeia Te'ýikue**. 2011. FAIND. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011. COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. *Nhandewa Aywu: fonologia do Nhandewa-Guarani* / Consuelo de Paiva Godinho Costa, - Campinas: Curt Nimuendajú; Vitória da Conquista, BA: Edições Uesb, 2010.

CONCIANZA, Fábio. **Antroponímia Kaiowá Téry tee Tekoha Panambizinho-py**. 2017. FAIND. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

COUTO, F. P. *Contribuições para a Fonética e Fonologia da Língua Manxineru (Aruák)*. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

_____. *Conexões entre processos morfofonológicos e acentos em Manxineru: a variedade Yine (Família Aruák) falada no Brasil*. 2016. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

DOOLEY, Robert A. *Léxico Guarani, Dialeto Mbyá com informações uteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística*. SIL, 2013.

FERNANDES, Elizabete. **Uma análise dos empréstimos do Português no Guarani Kaiowá utilizados por estudantes do 9º ano da Escola Ñandejára Pólo – Aldeia Te'ýikue**. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

FRANÇA, Anieli Improta. **A Linguística no século XXI: convergência e divergência no estudo da linguagem/** Anieli Improta França, Lilian Ferrari e Marcos Maia. - São Paulo: Contexto, 2016.

GARAI, Ramona Martins. **Proposta de elaboração de material didático bilingue a partir de receitas medicinais tradicionais**. 2012. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2012.

GARAI Waneide. **Ensino de Língua Materna por meio de narrativas e poemas: proposta didática**. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

GODOI, Lurdes. **O ensino de língua guarani na escola Jeguaka Poty da aldeia de Guaimbé Pery**. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

GODOY, Rodolfo. FERNANDES, Hermínio. **Possessivos e Demonstrativos em Guarani: uma proposta de material didático**. 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

GRANNIER, Daniele Marcelle Grannier Rodrigues. *Fonologia do Guarani Antigo*. Dissertação de Mestrado UNICAMP, Campinas, 1974.

GUASCH, Antonio. *El Idioma guarani Gramática y antología de prosa y verso*. 7ª edición, CEPAG; Aunción, 1996.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunner. *Preliminaries to Speech Analysis; the Distinctive Features and Their Correlates*. Cambridge: M.I.T. Press, 1967.

KENT, Ray D.; READ, Charles. *Análise Acústica da Fala*. Alexsandro Meireles (trad.). São Paulo: Cortez, 2015.

LADEFOGED, Peter. *A Course in Phonetics*. California, Los Angeles: Harcourt Jovanovich, Inc. 1975.

_____, Peter. *Elements of Acoustic Phonetics* - 2nd edition. The University of Chicago Press, 1996a.

_____, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Massachusetts-USA: Cambridge, 1996b.

_____. *Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.

_____. *Vowels and Consonants*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2005.

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. *Elements of Acoustic Phonetics*. 7th Impression, Chicago, Chicago University Press, 1981.

_____. *Vowels and consonants: an introduction to the sounds of languages*. 2. ed. Los Angeles: Blackwell Publishing, 2007.

_____. *A course in phonetics*. 6. ed. Canadá: Wadsworth Cenage Learning, 2011.

LAVER, J. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LOURENÇO, R. **A política indigenista do Estado Republicano junto aos índios da Reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968) / Renata Lourenço**. – Dourados, MS. UEMS, 2008.

LOPES, Edgar. CENTURION, André. **Proposta de material de leitura para o Ensino de Guarani Nandéva e língua Portuguesa na Terra Indígena Porto Lindo – MS**.

2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

LOPES, Edson. MONTIEL, Janaina Pereira. **Verbos intransitivos em Guarani: uma proposta de material didático.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

LOPES, Alaíde. **Um estudo de variação lexical e fonológica a partir da fala de velhos e jovens da Reserva Indígena Taquapery.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

MACHADO, Junior Joel Lopes. GOMES, Irene Reginaldo. **O substantivo na Língua Kaiowá: uma proposta de material didático.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

MADDIESON, I. *Patterns of Sounds.* Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MARTINS. Andrébio S.M. CATÃO. Hemerson V. VILHALVA Felisberto C. SILVA Eldo. **Argumento e Predicado em Kaiowá: Uma proposta de análise linguística para o Ensino de verbos e nomes nas Escolas Indígenas Guarani Kaiowá.** In Revista Socioleto – NUPESDD / LALIMU, v. 8, nº 23, ago/nov 2017.

MIELNIK, Jairo Ajala. **O Guarani Nandéva falado por estudantes dos anos finais do ensino fundamental na escola indígena em Japorã/MS – aspectos fonéticos.** Dissertação de mestrado. Dourados-MS:UFGD.2019.

MONTOYA, Antonio Ruiz / 1640/2002. **Vocabulario de la Lengua Guarani.** Asunción: CEPAG.

NUNES, Edvaldo. **Empréstimos na fala Guarani na Aldeia Cerrito.** 2011. FAIND. 2011. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2011.

NUNES, Nelinho. **Posição em Guarani: uma proposta de material didático.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

OLIVEIRA, Gabriel B. Viana de. **Lingua Kinikinau: descrição de aspectos sociolinguísticos e fonológicos.** / Gabriel Barros Viana de Oliveira. Dissertação de Mestrado– Dourados, MS: UFGD, 2017.

OLIVEIRA, Gabriel B. V e MARTINS, Andrébio M. **Uma etnografia do povo indígena Kinikinau.** In Revista Tellus. Campo Grande – MS, ano 19, n. 38, p. 157-180.

ORNELO, Midônio Dias. **A fricativa glotal na variedade Guarani Nandéva da Terra Indígena Porto Lindo – um primeiro levantamento.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

PIKE, Kenneth. *Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Technique for the Pratical Description of Sounds.* Ann Arbor. The University of Michigan Press, [1943].

_____. *Phonemics a Technique for Reducing to Writing*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1947.

PIRES, Silvio, **Retomada de Potrero Guassu e implantação de uma escola indígena nessa área: proposta de material de leitura Guarani/Português**. 2018. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Relações Internas na família linguística Tupi-Guarani*, In: **Revista de Antropologia, separata dos volumes XXXVII/XXXVIII**. São Paulo, 1984/1985.

RODRIGUES, Catalina. **Coleta de nomes e histórias das sementes da T.I. Te’ýikue/Caarapó para produção de material didático**. 2012. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2012.

ROMERO, Maria Aparecida. **Levantamento de dados lexicais para um estudo posterior sobre a variação lexical e fonológica na língua kaiowá falada na Reserva Indígena Sessoró**. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

RÖSSLER, Eva Maria. **Aspectos da Gramática aché: descrição e reflexão sobre uma hipótese de contato** / Eva-Maria Rössler. – Campinas, SP. [s.n.], 2008.

SALINA, Gloria. **Ensino de língua Guarani através de narrativas – Proposta didática**. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

SILVA, C. A. do N. **O uso de neologismos por empréstimo em Kaiowá: um estudo preliminar da versão do novo testamento bíblico**. Dissertação de Mestrado. Três Lagoas-MS: UFMS, 2011.

SILVA, D. **Estudo lexicográfico da língua Terena: Proposta de um dicionário bilíngue Terena-Português**. 2013. 293 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2013.

SOUZA, I. **Índios Kinikinau: aspectos etnolinguísticos**. *Tellus (UCDB)*, v. 7, p. 103-133, 2007.

_____. **Koenukunoe Emo ‘u: a língua dos índios Kinikinau**. Campinas: Unicamp. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. **Kinikinau: uma língua à beira da extinção**. *Guavira Letras*, v. 8, p. 149-165, 2009.

_____. **Concordância: verbos e nomes na língua Kinikinau**. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 5, p. 112-134, 2015.

_____. **KINIKINAU: a língua silenciada.** In: SILVA, G. J.; BOLZAN, A. V.; SOUZA, R. A. (orgs.). Kinikinau: arte, história, memória e resistência. Curitiba: Editora CRV, p. 71-96, 2017.

SOUZA, Janete de. Levantamento de empréstimos e neologismo na língua kaiowá falada na aldeia Jaguapiru da reserva Indígena de Dourados. 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

SILVA, Dayane de Pontes **O Guató como língua tonal: uma análise acústica de pares positivos** / 2018. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras. UFRJ – Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia** / Thaís Criatófero da Silva; colaboradoras Daniela Oliveira Guimarães, Maria Mendes Canoni. – São Paulo: Contexto, 2011.

SIGNORINI, I. **Linguagem o Santo Graal da Linguística.** Em Signorini I. (org.) **Situar a língua(gem).** / Inês Signorini (organizadora) – Kanavillil Rajagopalan... [et al.]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 15-38.

TAVARES, M. **Línguas indígenas & Língua Portuguesa em comunidades indígenas sul mato-grossense.** Signum Estudos Linguísticos, Londrina. n. 19/2, p. 368-390, dez. 2016.

VERA, Luciana; BENITES, Elenir. **Proposta de produção de material de leitura: histórias contadas pelos mais velhos.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

VILHALVA, Elizabete Benites; SOARES, Crispim. **Propostas Didáticas no Ensino de Português como Segunda Língua para indígenas Guarani/Kaiowá.** 2015. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2015.

VILHALVA, Felisberto Correa; SILVA Eldo. **Argumento e Predicado em Kaiowá: uma proposta de análise linguístico para o ensino de verbos e nomes nas escolas indígenas guarani e kaiowá.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.

XIMENDES, Marilene Aquino. **Proposta de material didático para o ensino de Língua materna.** 2017. Faculdade Intercultural Indígena – FAIND. Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2017.